

# LIVRO DAS RAÍZES INDÍGENAS POVOS DE CRATEÚS



O POVO QUE TEM A FORÇA  
DA JUREMA



# LIVRO DAS RAÍZES INDÍGENAS POVOS DE CRATEÚS

## O POVO QUE TEM A FORÇA DA JUREMA

2001



**GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ**

Tasso Ribeiro Jereissati

**SECRETARIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA DO CEARÁ**

Antenor Manoel Naspolini

**SUBSECRETARIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Jaime Cavalcante de Albuquerque Filho

**COORDENADORIA DE DESENVOLVIMENTO TÉCNICO PEDAGÓGICO**

Lindalva Pereira Carmo

**NÚCLEO DE DESENVOLVIMENTO CURRICULAR**

Maria Socorro Bezerra Leal

**CÉLULA DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Leniza Romero Frota Quinderé

**CONSULTORIA**

Francisco José Pinheiro - Prof. do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará

**ORGANIZAÇÃO E REVISÃO**

Maria José Pinheiro Marques - Técnica do Núcleo de Desenvolvimento Curricular - CDTF  
Rita de Cássia de Oliveira - Técnica do Núcleo de Desenvolvimento Curricular - CDTF  
Helena Ary Karam - Técnica do Núcleo de Desenvolvimento Curricular - CDTF

**ILUSTRAÇÕES**

Professores e alunos das Escolas Indígenas de Crateús

**DIGITAÇÃO**

Isabel Carlos Chaves  
Sônia Maria Soares Guerra

Aquisição	Docente
Origem	Prof. Itálio Bezerra
Solicitante	
Proc	
R\$	Data 11.03.2002
N.º de Chamada	371.27/8131 L 784

C327 Livro das Raízes Indígenas Povo de Crateús. Crateús/Ce, SEDUC, 2000.

S/P.  
16P.

NOTA: Esta Cartilha é produção dos autores alunos e professores das Escolas diferenciadas Crateús/Ce.

- 1 - ÍNDIO - CRENÇAS
- 2 - ALIMENTAÇÃO
- I - HISTÓRIA CONTADA

CDU: 546.682 + 291.14 + 613.28 (091) (812/813)

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÕES EDUCACIONAIS / SEDUC

# LIVRO DAS RAÍZES INDÍGENAS POVOS DE CRATEÚS

**AUTORES:**



**ESCOLA DIFERENCIADA RAÍZES INDÍGENAS PLANALTINA**

Profª HELENA - POTYGUARA  
Profª ROSANA - POTYGUARA  
Profª LÚCIA E ALUNOS TABAJARA, POTYGUARA

**ESCOLA DIFERENCIADA RAÍZES INDÍGENAS MARATOÃN**

Profª CRISTINA E FAMÍLIA CARIRI

**ESCOLA DIFERENCIADA RAÍZES INDÍGENAS TERRA PROMETIDA**

MARIA LIRA DOS SANTOS - TUPINAMBÁ  
FRANCISCO BRITO (CHICO) - TABAJARA  
ALUNOS TABAJARA, TUPINAMBÁ E KALABAÇA



**ESCOLA DIFERENCIADA RAÍZES INDÍGENAS ALTAMIRA**

MARIA DO CARMO (KAKÁ) - POTYGUARA  
ALUNOS - TABAJARA, POTYGUARA E KALABAÇA

**ESCOLA DIFERENCIADA RAÍZES INDÍGENAS TERRA LIVRE**

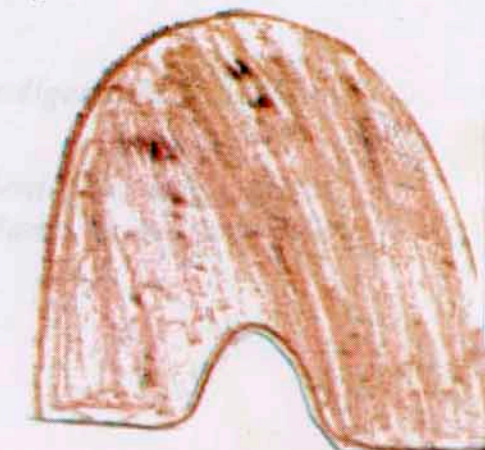
ELZA - TABAJARA  
SUELI - TABAJARA  
ALUNOS TABAJARA

**ESCOLA DIFERENCIADA RAÍZES INDÍGENAS VILA VITÓRIA**

POVO TABAJARA E KALABAÇA



**SEDUC - 2001**





## APRESENTAÇÃO

Somos os povos Ticuna, Izoceño, Pichayana, Tupizaño e Izoceño que habitamos em Chuquisaca, município de Cochabamba, no Departamento de Cochabamba.

Somos povos fortes e corajosos e há quase 500 anos lutamos pela defesa de nossa terra, nossa cultura, nossos valores e tradições. Nos últimos anos, estamos enfrentando grandes desafios, como a perda de nossa terra, a destruição de nossa cultura e a perda de nossos valores.

Por isso, queremos expressar nossos desejos e lutar juntos por nossos objetivos. Os índios são um povo forte porque eles cresceram enfrentando a realidade, suas ações são verdadeiras. Sempre trabalham com prazer e alegria, nunca deixando que o fracasso e o medo os dominem porque acreditam que são maiores do que tudo isso e, assim, eles mantêm a força e a ordem em sua vida.

***O presente é o melhor tempo para os índios expressarem seus desejos e lutarem juntos por seus objetivos. Os índios são um povo forte porque eles cresceram enfrentando a realidade, suas ações são verdadeiras. Sempre trabalham com prazer e alegria, nunca deixando que o fracasso e o medo os dominem porque acreditam que são maiores do que tudo isso e, assim, eles mantêm a força e a ordem em sua vida.***

***Geralda Ferreira do Nascimento (Escola Indígena da Terra Livre)***

***“ Os índios: Povo forte, valente, que luta e vence.”  
Maria Germana da Silva***





## APRESENTAÇÃO

Somos os povos, Tabajara, Kalabaça, Potyguara, Tupinambá e Kariri que habitam em Crateús, município localizado no Sertão Central do Ceará.

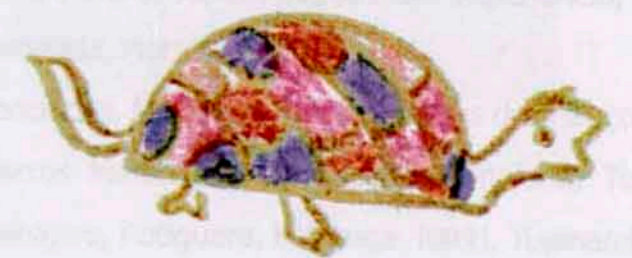
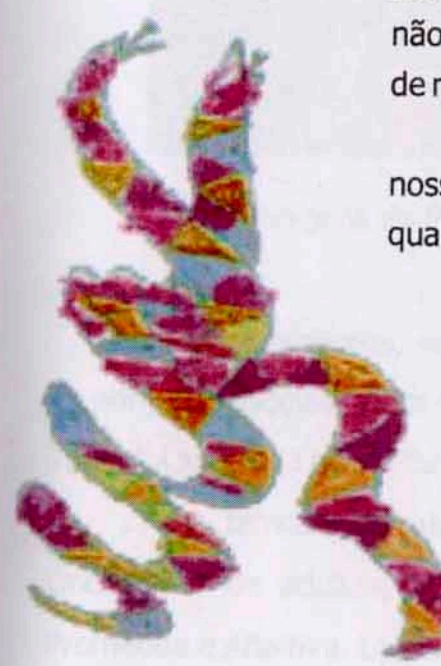
Somos povos fortes e corajosos e há quase 5 séculos lutamos para viver do nosso jeito a nossa própria história, costumes e tradições. Mas temos algumas dificuldades, ainda estamos aqui lutando para não perdemos a força e o desejo de viver na luta pela terra.

Juntamos algumas de nossas experiências e de nossas histórias para serem contadas neste livro. Ele será um instrumento usado nas escolas para despertar em nossos alunos o interesse pelos costumes do nosso povo e também de afirmação da nossa cultura indígena.

Este livro, que nós, professores e alunos indígenas da Escola Diferenciada daqui de Crateús, elaboramos, levará o conhecimento da nossa história e cultura às comunidades indígenas e a outros povos que não são índios que, em parte, foram os maiores responsáveis pela perda de nossas terras e de nossa língua materna.

Este trabalho é o referencial que vem ao encontro dos desejos do nosso povo para sua educação e, conseqüentemente, para melhoria da qualidade de vida.

**Professores das Escolas Indígenas de Crateús**





## Escola Indígena de Crateús

A proposta da Escola Diferenciada surgiu a partir da própria história do povo fujão, da necessidade do povo sem terra, de um espaço onde eles possam desenvolver a leitura, a escrita e a cultura da sua gente. Surgiu da necessidade de trabalho. Uma escola que possa criar meios de trabalho para fonte de sobrevivência, espaço para aprender e ensinar a fazer nossos artesanatos como: nossos colares, vestuários e rituais. Muitas vezes somos chamados de macumbeiros. A escola deve partir das histórias contadas pelos mais velhos que dizem que seus antepassados foram pegos à dente de cachorro e cresceram juntos com o povo dos fazendeiros.



Escola Indígena da Planaltina

Quando iniciamos, eram duas escolas. Hoje, aqui em Crateús, temos 9 salas de aula. As primeiras escolas foram na Vila Vitória e na Terra Livre, em 1998. Essa experiência, em 1999, foi ampliada para Planaltina, Terra Prometida, Maratoã e Altamira.

Hoje, temos nove salas de aula diferenciadas, funcionando quatro salas de crianças e cinco salas de adultos, nos seguintes bairros Maratoã, Terra Livre, Planaltina, Terra Prometida e Altamira. Lá, estão os povos Tabajara, Potiguara, Kalabaça, Kariri, Tupinambá.



Esta escola diferenciada tem o objetivo de resgatar a história desses povos e sistematizar, através de textos, desenhos, fazer seus colares, valorizar danças, contar mitos, fazer trabalhos manuais e se organizar em grupos de produção para fabricação de telhas, tijolos, hortas comunitárias. Além disso, fazer blocos, visitar seus lugares de origem, participar de assembléias, reuniões na Associação Indígena.

Algumas escolas, juntas, se reúnem para a dança da Jurema (toré).

Nós, professores da Região de Crateús nos reunimos de dois em dois meses para refletir juntos sobre temas ligados à realidade indígena e, no nosso próprio local, nos encontramos semanalmente para trocar experiência e planejarmos as iniciativas diferenciadas do nosso povo. E juntos construímos a nossa história.

Estamos vivendo experiência nova, pois há tempos que queríamos esta escola diferente, que atende à necessidade do nosso povo.

No diferenciado, todos são iguais e a cada dia aprendemos mais uns com os outros. Temos pesquisas de campo, pinturas, dança do toré, conto dos mais velhos, desenhos, relatos, consciência crítica, a constante luta pela terra, nossas crenças, com o nosso povo sendo valorizado, pois a escola diferenciada não são prédios ou papéis, mas a nossa vida vivida dia-a-dia.



Escola Diferenciada Raízes Indígenas

## SUMÁRIO

### CAPÍTULO I - NOSSA CULTURA

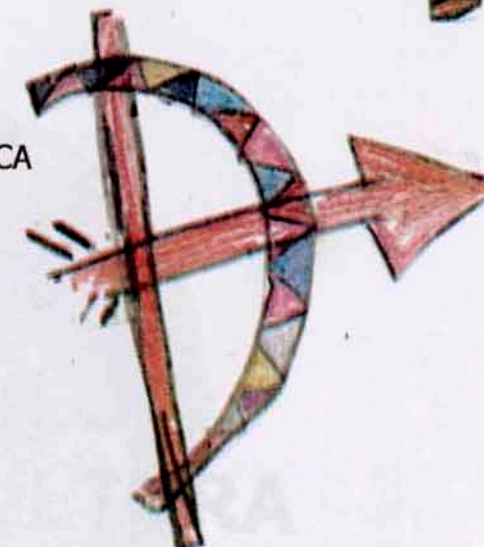
- NOSSOS COSTUMES
- NOSSA ALIMENTAÇÃO
- TERRA
- O INVERNO
- A ROÇA
- A FARINHADA
- O CAJU
- RECEITAS
- AS CAÇAS DA REGIÃO
- A PESCA
- INSTRUMENTOS DE CAÇA E PESCA
- EXPERIÊNCIAS
- NOSSO CALENDÁRIO
- ARTES E CRENÇAS
- NOSSO ARTESANATO
- A CARNAÚBA
- NOSSOS ENFEITES
- UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS
- INSTRUMENTOS MUSICIAIS
- POESIAS E ENTOADAS
- AS DANÇAS
- DANÇA DA JUREMA
- A CURA ATRAVÉS DAS PLANTAS

### CAPÍTULO II - HISTÓRIAS CONTADAS PELOS MAIS VELHOS

- ORIGEM EM VERSOS
- HISTÓRIAS DO SEU NANI
- BRINCADEIRAS DE RODA
- HISTÓRIA DA FAMÍLIA ANTONIO MIGUEL
- HISTÓRIA DE DONA TEREZA DE SOUSA COSTA
- HISTÓRIAS DE ANA MARIA
- DEPOIMENTOS
- TEXTOS

### LUGARES IMPORTANTES PARA O NOSSO POVO

- SERRA DA MELANCIA
- RIO POTI
- OITICICA
- SERRA DOS TUCUNS
- MONTE NEBO





# CAPÍTULO I NOSSA CULTURA



A cultura é o conjunto de conhecimentos, crenças, valores e hábitos que caracterizam um povo ou uma sociedade. Ela é transmitida de geração em geração e evolui ao longo do tempo.

Nossa cultura é rica e diversificada, refletindo a história e as experiências de nosso povo. Ela é o resultado de séculos de luta e resistência.

Uma das características da nossa cultura é a valorização da família e da comunidade. O respeito aos idosos e a solidariedade são valores fundamentais.

Outra característica é a importância dada à música e à dança. Essas formas de expressão artística são essenciais para a preservação da nossa identidade.

No entanto, a cultura também enfrenta desafios. A globalização e a influência de outras culturas podem ameaçar a nossa diversidade.

A nossa luta, portanto, é preservar e valorizar a nossa cultura, enquanto buscamos o desenvolvimento e a justiça social.



## Nossos Costumes



A cultura está viva dentro de nós e por isso nós estamos passando para os nossos parentes a dança do toré, as pinturas, o artesanato e o respeito com os mais velhos. Somos do tempo em que vivíamos livres e as crianças nos acompanhavam no trabalho, na lida do dia-a-dia.

A nossa cultura é bem aproveitada porque no meio do nosso povo vivemos os nossos próprios costumes, com os nossos trabalhos de sobrevivência que fazemos como pote, panela aguidar, prato taxo e outros objetos feitos de barro.

Das matas retiramos a madeira para fazer colher-de-pau, pilão mão-de-pilão, jiral, facho para clarear os caminhos da mata, lenha para cosinhar, fazer nossas casas, nossos remédios do mato. Tiramos as frutas e caças e outras coisas que precisamos.

Os nossos instrumentos de caça e pesca são feitos por nós, povos indígenas.

Dos rios, açudes e lagoas tiramos os peixes e as grotas servem para lavar as nossas roupas. Dos olhos d'água tiramos água boa para encher nossos potes de beber. Utilizamos as águas para tomar banho, aguar as plantas e dar de beber aos animais.

No meio de nosso povo temos as parteiras que ajudam a nascer nossas crianças e ensinam remédios para todos, rezam nos doentes, curam com banhos de ervas da mata e chamam a força dos encantados para ajudar no que é preciso. Com a nossa dança da jurema ganhamos força e sabedoria e pizamos no chão com força.

A nossa terra, nosso ritual e nosso jeito próprio de viver é que dão mais vida para nós continuarmos com nossa luta.



## Nossa Alimentação



Nosso povo costuma tirar da terra a alimentação do dia-a-dia como os frutos, as sementes, as raízes, as folhas, as batatas e outros. Da mandioca tiramos a goma que serve para fazer beiju. A farinha é usada na farofa e no pirão e serve para tomar com café de manhã como quebra jejum. A raspa da mandioca serve para alimentar os animais na criação de porco e gado.

A crueira da mandioca colocamos para secar ao sol, depois é necessário pisar no pilão e peneirar para fazer o beiju.

Do milho verde faz-se canjica, pamonha, bolo e quando ele seca faz-se mucunzá, cuscuz, xerém, pipoca, farinha de pipoca e serve também de alimentação de galinha, porcos etc., não esquecendo que a palha de milho serve para fazer sabão caseiro, forragem para os animais e o sabugo é aproveitado como lenha para cozinhar os alimentos.

O caju é uma fruta muito gostosa e serve para fazer cajuína, rapadura, doce e mocoioró. Sua castanha serve para colocar no choriço e é muito utilizado na alimentação.

A casca do cajueiro roxo serve como cura da diabete.

## A Terra



A terra é de todos que a cuidam e a cultivam e dela tiram seu pão.

A terra é do índio e com muita convicção

A terra nos foi tirada com muita opressão

Só nos resta lutar sim para recuperar a lembrança da terra mãe

Que nos protege e nos guia para um tempo

Em que viveremos livres e com muita fartura

(Construção de texto em sala de aula) Bairro Altamira



## O INVERNO



O inverno é chuva, é tempo de safra, fartura. Na época do inverno temos os seguintes legumes: milho, feijão, melancia, pepino, jerimum. Na época da plantação todos que vivem no campo cuidam do roçado.

Quando começa a chegar a safra as pessoas colhem feijão, quebram milho. Ah, como é bom quem mora no campo ou em suas terras!

Após a colheita, muitas pessoas que vivem na roça vendem a metade da safra para o resto do seu consumo que é: óleo, arroz e outros. Mas na verdade alguns deles tiram a mistura do feijão que é comido com pão de milho, após ser temperado com óleo e gordura dos animais que criam.

Ah, se os homens brancos não tivessem tirado dos nossos antepassados nossas terras! Essas pequenas palavras eu não estaria colocando nesse papel, mas sim fazendo tudo isso no meu roçado.

(Escrito pelos Professores e seus alunos da Escola Raiz Indígena Terra Prometida)

## A ROÇA

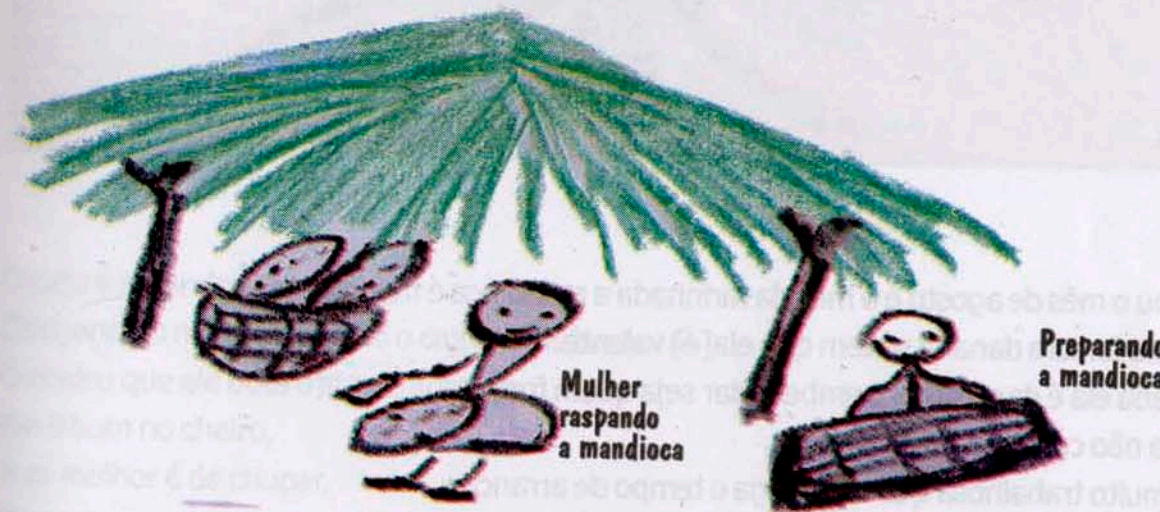


Na roça plantamos milho, feijão, melancia, arroz, gergelim. Depois de feito o plantio espera-se três meses para colher a produção.

Juntamos todos da nossa família para trabalhar em adjunto na colheita. É na roça que conversamos sobre as histórias passadas pelo nosso povo indígena.

(Texto produzido pelos povos indígenas do bairro da Altamira.)

## A FARINHADA



Mulher raspando a mandioca

Preparando a mandioca

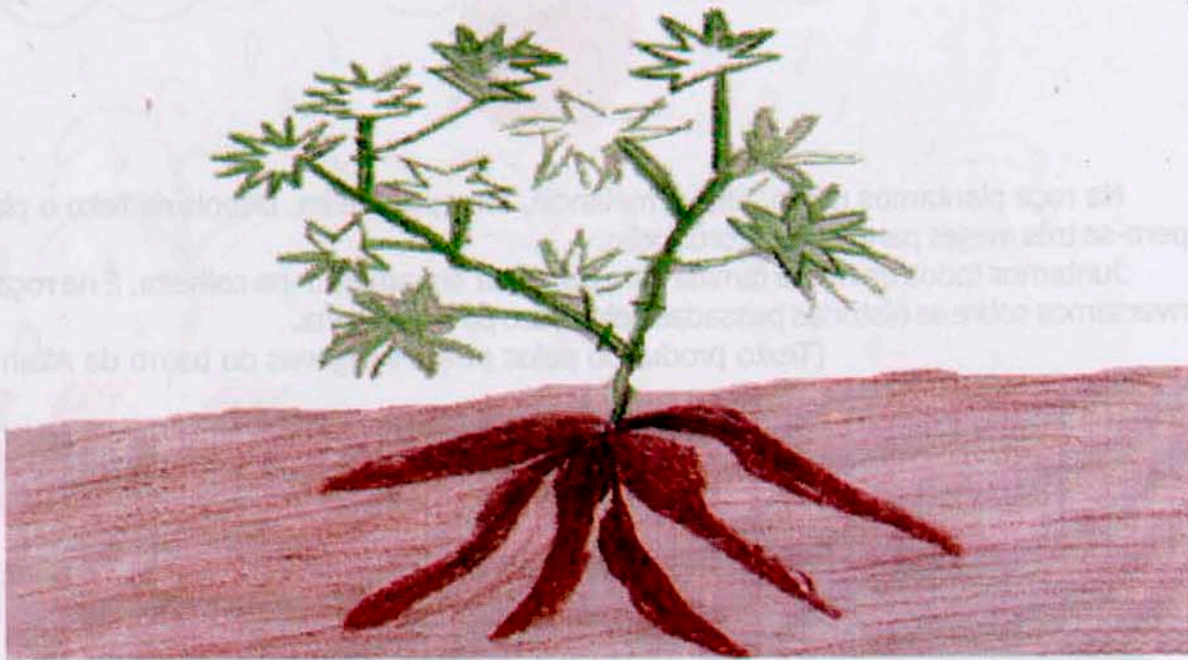
O período da farinha é de agosto a novembro porque é a época em que a mandioca está apropriada para fazer a farinha.

Para fazer a farinha é preciso primeiro arrancar a mandioca. As mulheres e as crianças raspam, depois começa a ceva no motor ou caititu e na bulandeira. Lava-se a massa da mandioca numa prensadeira e depois vai para o cocho. Passa-se a massa na peneira e, por último, vai ao forno para ser torrada, e ali passa mais de três horas para ficar bem torradinha. Está pronta a farinha para colocar no surrão ou no saco.

(Texto da Comunidade da Escola Indígena da Altamira.)



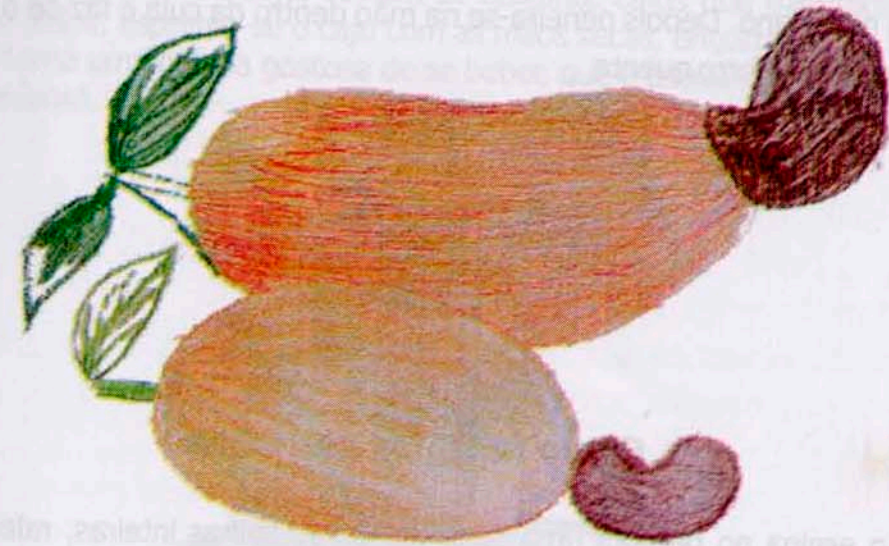
## FARINHADA



Chegou o mês de agosto é o mês da farinha a mandioca é muito boa  
Faz uma fartura danada só tem que ela [é] valente.  
De braba ela é danada para embebedar seja quem for.  
Pra ela não custa nada.  
Ela é muito trabalhosa quando chega o tempo de arrancar.  
Depois dela arrancada é preciso carregar, depois de carregada é preciso de raspar  
Depois de raspada precisa cevar.  
Depois de cevada precisa emprensar  
Depois de prensada precisa peneirar  
Depois de peneirada precisa torrar  
Se não for muito bem torrada é sujeito embebedar

Francisco Pinheiro Lima - Aluno Tabajara da  
Escola Indígena da Altamira

## O CAJU



O caju é amarelo e vermelho,  
Chegando o mês de outubro o caju começa a botar  
O cheiro que ele bota trata de animar  
Ele é bom no cheiro,  
Mas melhor é de chupar,  
Ele tem um sabor bom  
Ninguém pode desperdiçar  
Mas gostoso é a castanha  
Depois de assar e quebrar

Francisco Pinheiro Gomes - Aluno Tabajara

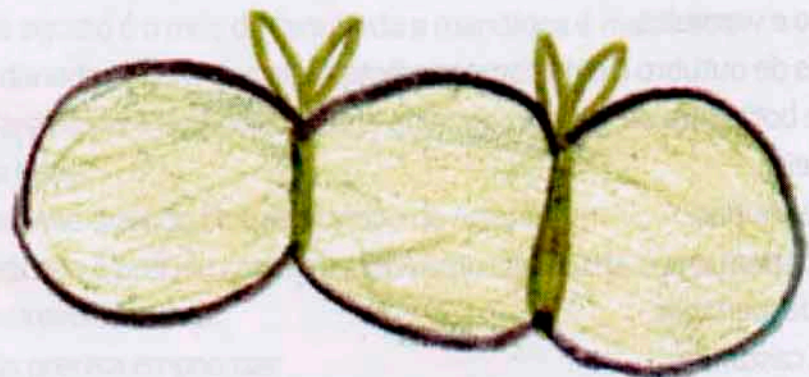


## RECEITA DE BEIJU

Raspa-se a mandioca e rala-se no ralo feito de flandre. Em seguida, espreme-se os bolões de massa num pano. Depois peneira-se na mão dentro da cuia e faz-se o beiju numa pedra ou numa panela de ferro quente

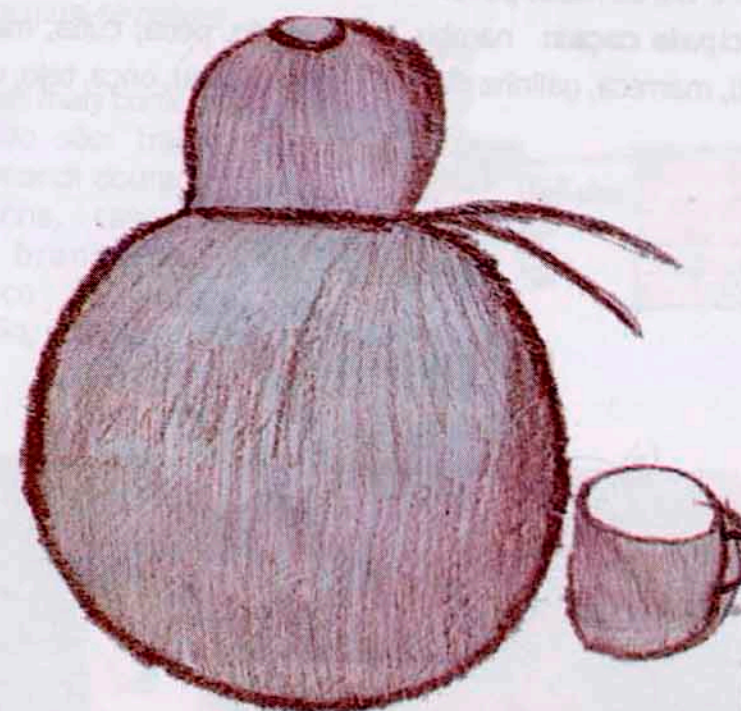
## Como fazemos pamonha

Corta-se a espiga no pé com uma faca, tira-se as palhas inteiras, rala-se o milho, escolhe-se se quer doce ou salgada, acrescenta-se à massa do milho, se preferir, leite, queijo ralado, açúcar ou sal, coloca-se duas palhas uma dentro da outra, coloca-se o bolo de massa, fecha-se e dobra as pontas da palha de um lado e do outro e amarra-se com tiras da palha.



## Como se prepara o nosso mocororó

Na época da safra do caju, colhem-se bastante cajus que trazemos no uru. Numa vasilha seca e limpa, espreme-se o caju com as mãos secas, engarrafa-se o suco e ao longo do tempo se torna uma bebida gostosa de se beber, que é usada nos rituais do nosso povo, chamada mocororó.



Mocororó



## As Caças da Região

Nas noites de lua minguante os pais de família se juntam de dois ou três e saem para as matas, levando cachorros, machado, foice, enxada cavador para abrir caminhos, cavar buracos e vela de cera para iluminar enquanto estão cavando o buraco para matar tatu e peba, acudados pelo cachorro.

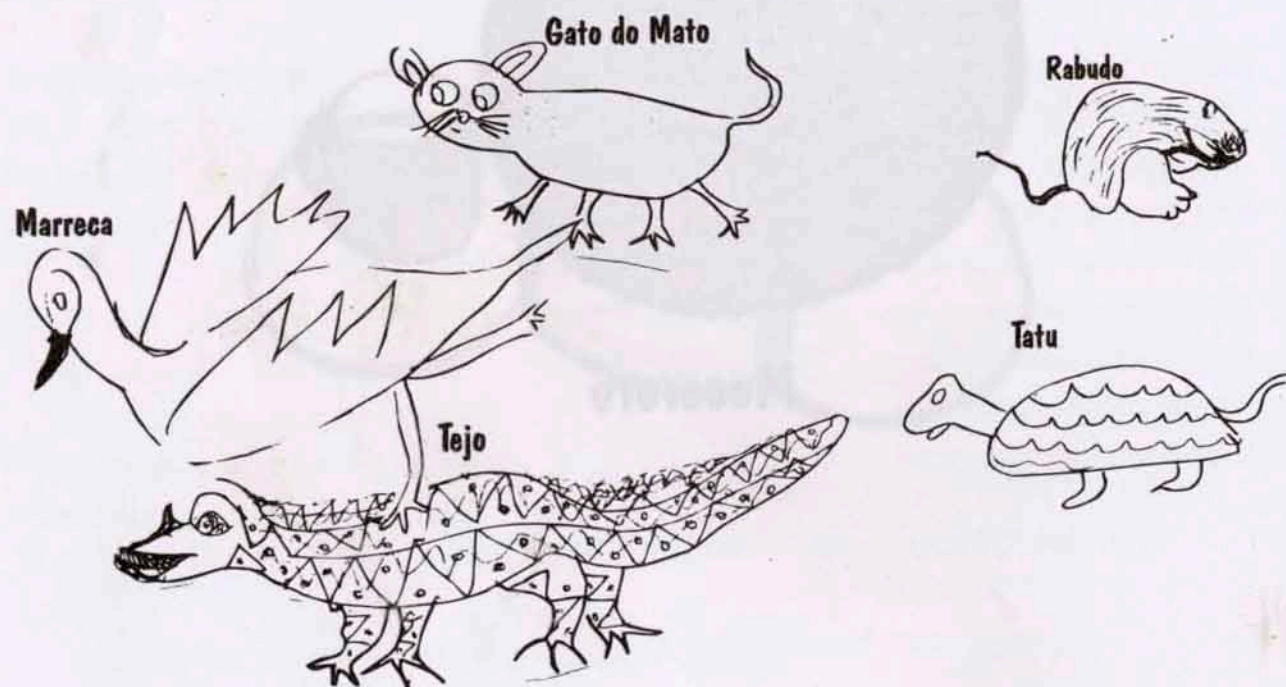
Existem outros tipos de caça que são feitas durante o dia como as de avoantes que se pega nas arapucas.

O preá é pego com fojo numa armadilha feita no caminho do preá. Todas as aves são caçadas a tiros ou de arapuca durante o dia.

A caça e a pesca são importantes ajudas na alimentação da família e ainda estão muito presentes no dia-a-dia do nosso povo.

**Nossas principais caças:** nambu, tatu, veado, peba, cutia, mambira, avoante, catitu, preá, paca, juriti, marreca, galinha d'água, rabudo, lapau, onça, tejo, camaleão.

### NOSSAS CAÇAS



## A pesca

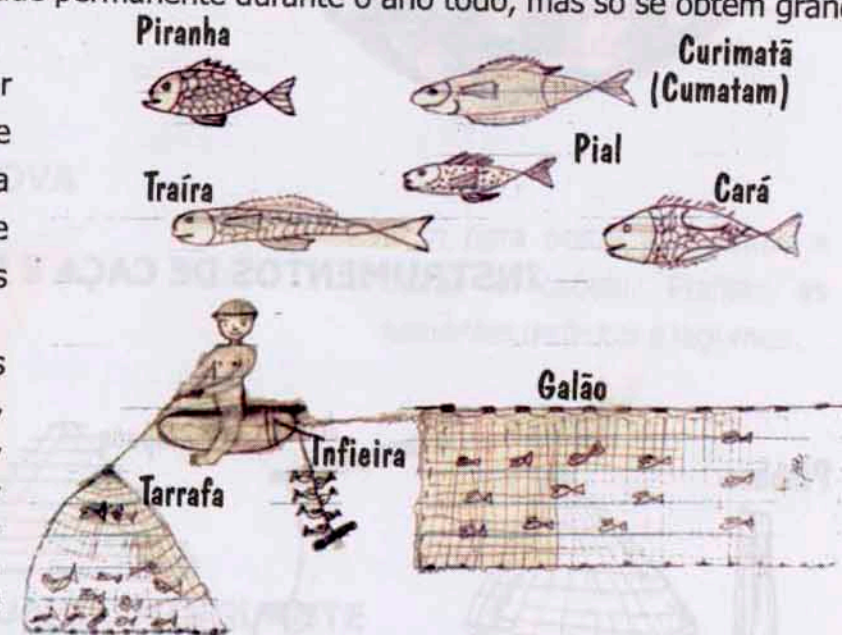
A pesca é a fonte de sobrevivência mais forte do nosso povo. Os homens saem para pescar à noite. Na chegada de manhã as mulheres estão esperando para limpar os peixes que, depois de tratados, são feitos os cambos, as crianças vão vender de porta em porta e com dinheiro que apuram compram outras coisas necessárias para o sustento da família.

Os homens vão pescar nos açudes das terras dos fazendeiros e lá deixam a renda. Se forem pescar em açudes públicos não precisam dar renda.

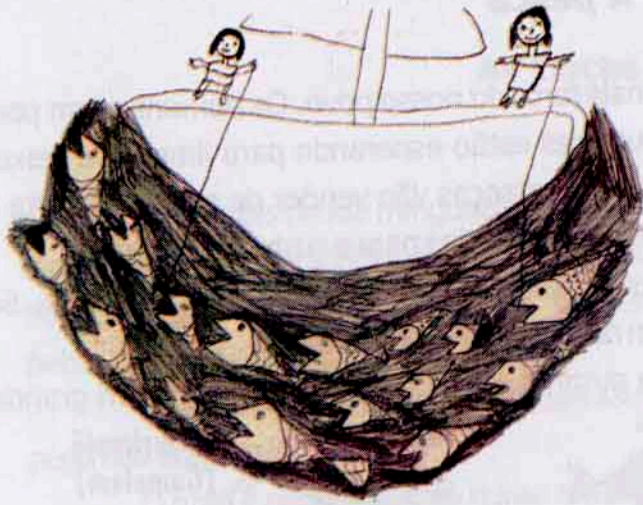
A pesca é uma atividade permanente durante o ano todo, mas só se obtém grande quantidade de peixe no verão.

Para se pegar determinados peixes depende muito da malha. Com a malha fina pegam-se peixes miúdos e com a graúda pegam-se peixes grandes.

Os peixes mais comuns da nossa região são: traíra, corró, tilapia, mandi dourado, surubim, piranha, cascudo, cari, cará, branquinho, curimatã, bico de pato, sardinha, sabão, piabuçu e moão.



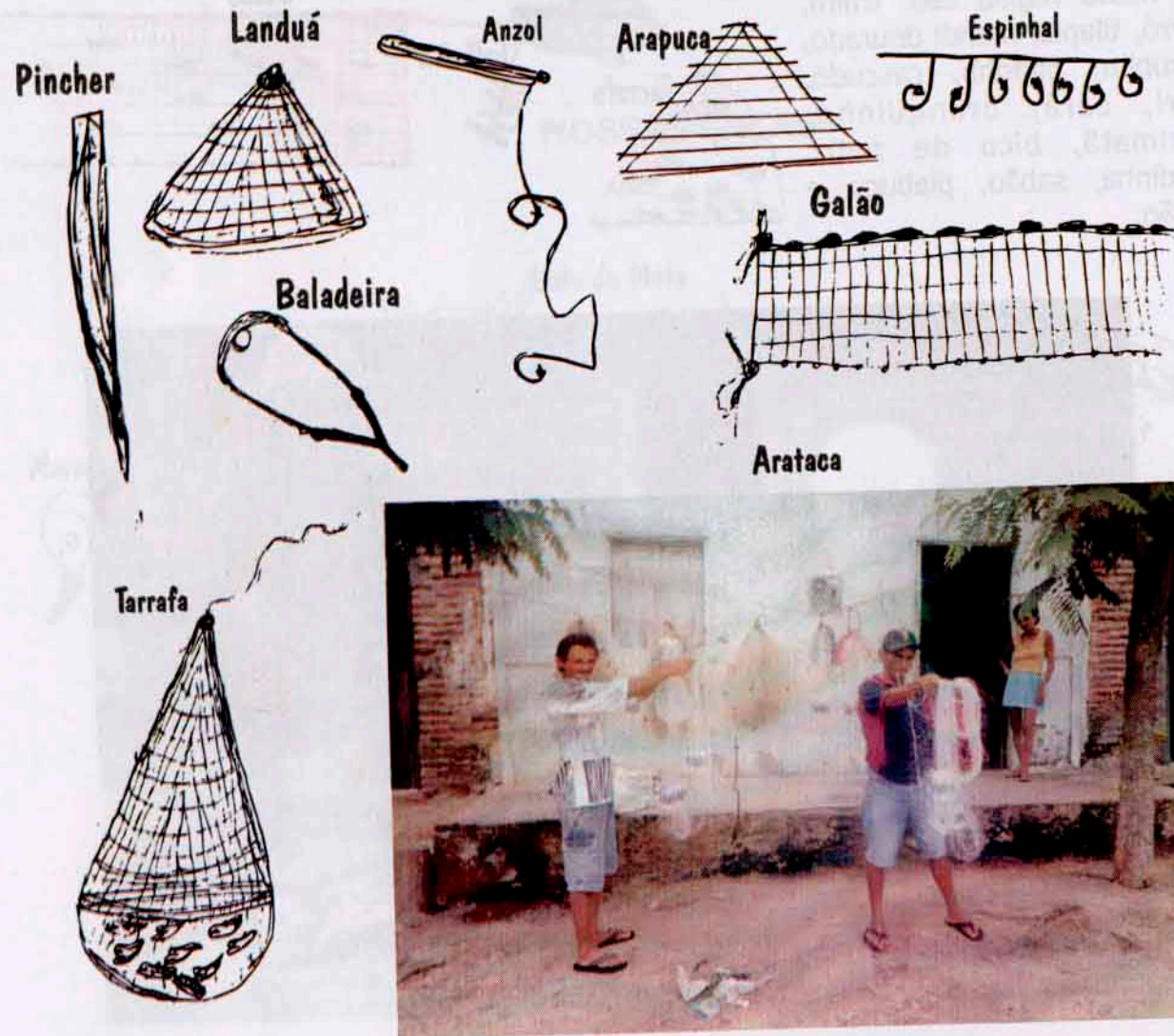




Meu pai, meus irmãos, vivem da pesca. Eles pescam nas lagoas e açudes. Quando eles vão pescar, levam câmara de ar, tarrafa, infieira e galão. Os peixes que eles costumam pegar são: piranha, curimatã, traíra, pial e cará.

Francisco Brito de Oliveira - Aluno Tabajara

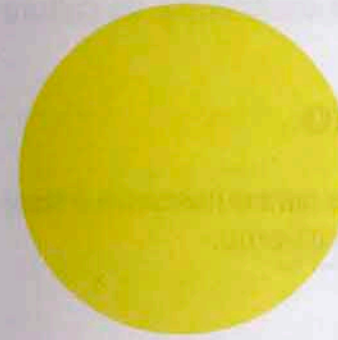
### INSTRUMENTOS DE CAÇA E PESCA



## EXPERIÊNCIAS

### EXPERIÊNCIA DA LUA

#### LUA CHEIA



Próprio para plantar todo tipo de batata, macaxeira, mandioca, bata-doce. Também para brincar de roda de adivinhação e contar história de trancoso.

#### LUA NOVA



Bom para podar as plantas e cortar o cabelo. Plantar as sementes de frutas e legumes.

#### LUA QUARTO MINGUANTE



Não é bom para plantar as sementes e nem colher as sementes para fazer novos plantios. Também quando ela pende para o lado do norte é sinal de bom inverno.

#### LUA QUARTO CRESCENTE



Próprio para caçar peba, tatu, gambá, mambira, tamanduá-bandeira, boja, porco do mato, caititu, veado, cutia, preá e outros.



## EXPERIÊNCIA DA CHUVA

Nós pegamos três pedras de sal grosso. Cada pedra representa um mês: outubro, novembro e dezembro. Colocamos num prato, na noite de Santa Luzia, treze de dezembro, deixamos em cima da casa. No outro dia vamos olhar. Se as pedras estiverem suadas é sinal de bom inverno.

[sincretismo cultural a santa da tradição católica, esta não é uma experiência da cultura indígena mas, popular de origem católica]

## EXPERIÊNCIA DE MARIA DE BARRO

No ano que a Maria de Barro faz sua casa com a banda virada para o nascente é sinal de inverno ruim, e quando é feita a casa para o poente, é sinal de bom inverno.

## EXPERIÊNCIA DAS FORMIGAS

Quando faz a boca do formigueiro alta, é sinal de chuva grossa. Quando a formiga cria asa é sinal de bom inverno. Ou quando muda seu fio de um lugar para outro é sinal de bom inverno.

## EXPERIÊNCIA DA FARTURA

É um inseto parecido com uma formiga. Quando ele fica carregado de coisa, é sinal de bom inverno.

## EXPERIÊNCIA DAS SETE ESTRELAS

Quando as sete estrelas estão virando para o nascente é sinal de bom inverno

## CANTO DAS COANS

A coan é um pássaro da mata e canta em bando, seu canto é muito forte que adivinha chuva e morte.

## TANAJURA (Formiga)

A tanajura se gera da formiga depois cria asa e voa. Esse é o período do inverno. E os índios saem gritando cai-cai-tanajura que tua bunda tem gordura.

## CANTO DA RÃ

Quando ela começa a raspar, é sinal de chuva.

## CANTO DO CARÃO (Ave)

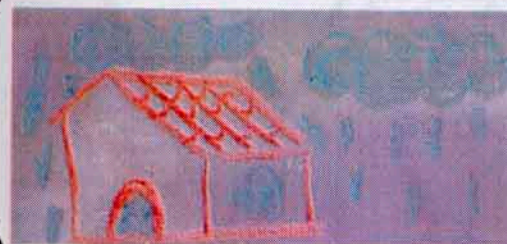
Seu canto adivinha chuva.

## NOSSO CALENDÁRIO

Nosso povo utiliza um calendário baseado na cultura da região observando os períodos chuvosos, da plantação, da colheita, da fartura e da seca.

### Janeiro

Esperamos as chuvas, mês da espera.



### Fevereiro

Tempo de maxixe, melancia, ata, experiências das chuvas.





## Março

Tempo da  
plantação do  
milho e feijão.



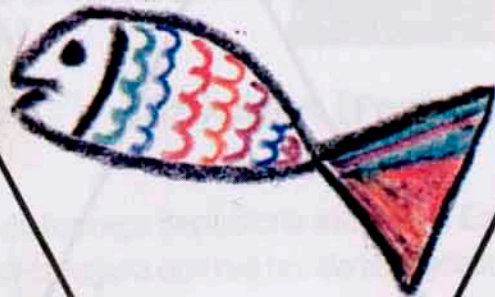
## Abril

Mês ruim pra plantar



## Maio

Época da colheita do  
milho, feijão,  
gergelim, mandioca.  
Mês da caça e da  
pesca.



## Junho

Tempo da colheita  
do amendoim,  
laranja, melancia.  
Comemoramos a  
colheita com festas  
e rituais da fogueira.



## Julho

Tempo de colheita  
do algodão



## Agosto

Mês de farianhada  
das flores do cajú e  
flores da manga.





Setembro

Tempo da broca.



Outubro e Novembro

Tempo da fartura de manga e do cajú que serve pra fazer mocoioró e aluá. A castanha serve pra assar e fazer chouriço e farofa.

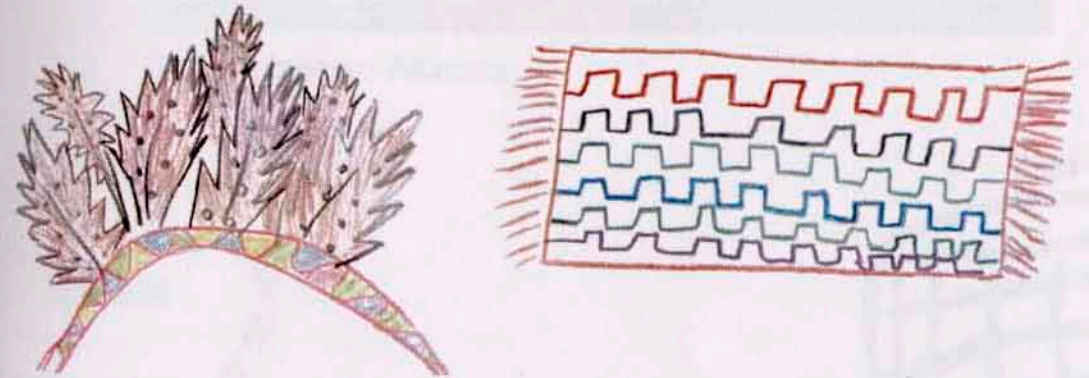


Dezembro

Tempo das festas na família.  
Tempo de paz.



## ARTES E CRENÇAS





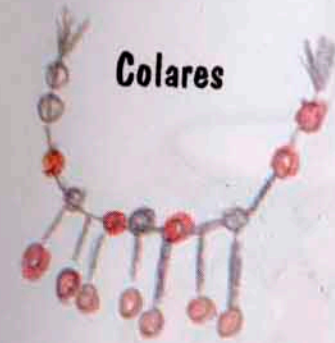
## NOSSO ARTESANATO

Os nossos trabalhos manuais ainda são muito presentes em nosso meio, é comum na maioria das famílias indígenas. Homens e mulheres carregam habilidade na ponta dos dedos de desenvolver com facilidade as artes de fabricação dos instrumentos de pesca, de objetos de barro para uso doméstico, confecção de colares, vestimentos, tapetes de modelo diversos, trabalhos com madeira e cipó. Tem grande criatividade na arrumação de sua casa. O que predomina são as cores fortes do vermelho e preto nos seus artesanatos e suas faces. Fazemos também trabalhos com cabaça, trabalho de palha e barro.

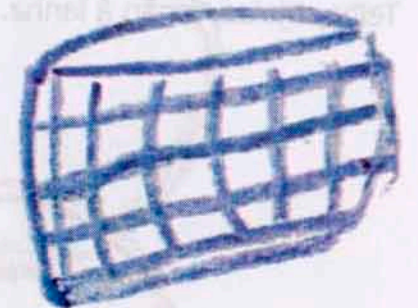


India Tabajara - Altamira

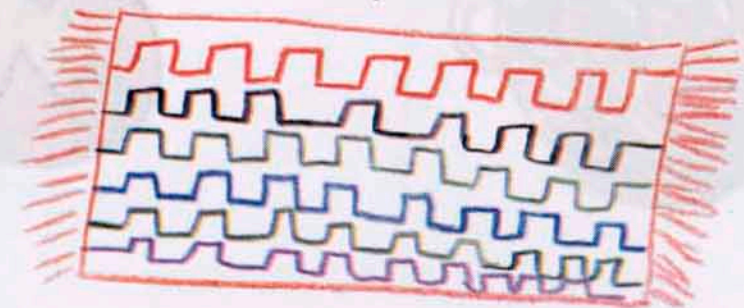
Colares



Jacá



Tapetes



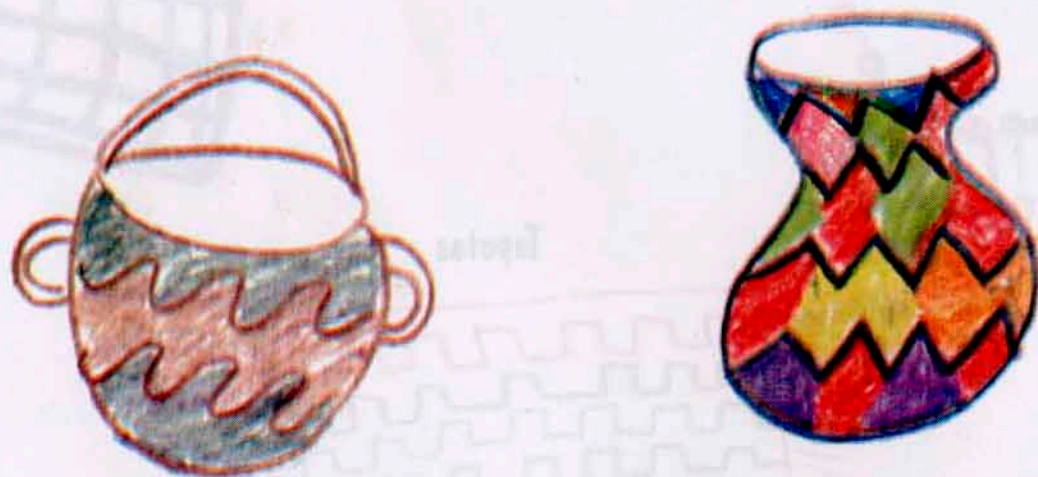


## Material de palha

Chapéu  
Abanador de fogão  
Cexto ou Sexta-feira  
Cinto para uso pessoal  
Bolsa, esteira  
Broxa ou pincel  
Quadro para parede  
Vassoura, espanador  
Jacá, patuá rosto de chinela  
Casa de palha  
Serve também para fazer  
Cortina, artesanato,  
Rede de dormir.

## Utensílios de Barro

Pote, alguidá, panela, caçarola, panelinha de brincar  
Fogão, banco de pote, fugareiros  
Jarro para planta  
Casa de taipa  
Telha, tijolos, fugão à lenha.



## A CABAÇA

Existe cabaça de diversos tipos: de colo, cabaça marimba, cabaça redonda.

Para o nosso povo a cabaça está presente em muitos momentos pois com ela fazemos maracá, utilizamos para carregar água pra roça e encher potes. Fazer cuia para banhar criança, cuia para leite, cubuca para guardar legumes. Fazemos brinquedo para criança, como carrapeta e marreco de cabaça. A cabaça era utilizada para ensinar crianças a nadar e para fazer balança de pesar.

Utilizamos também para enfeitar os nossos lares, para fazer o beribau. Os nossos costumes estão desaparecendo com o surgimento da industrialização e por falta da terra.





## A CARNAÚBA

Nosso povo utiliza a carnaúba pra fazer tudo, aproveitando todas as suas partes em vários artesanatos:

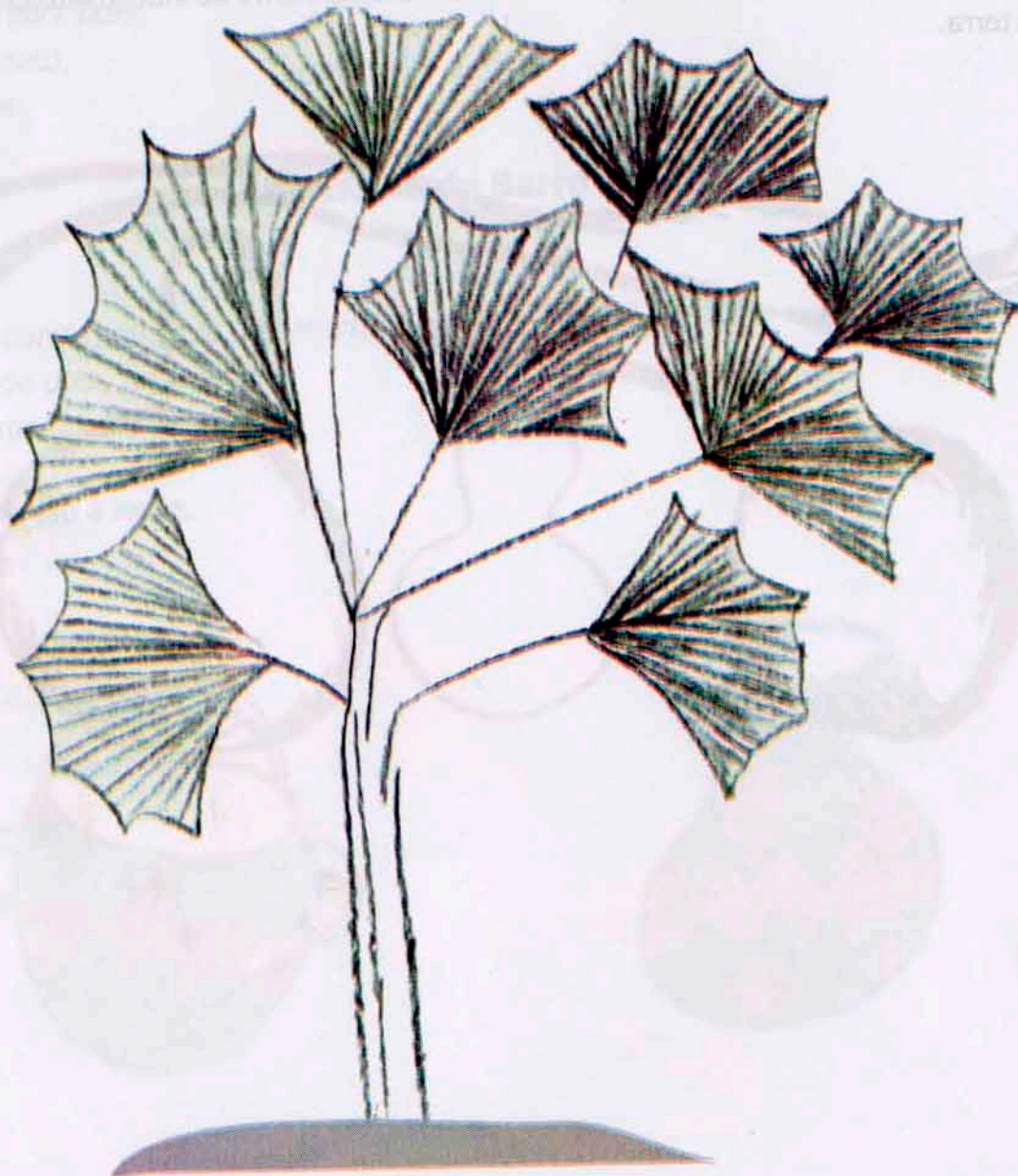
**DA PALHA** - faz-se vassouras, cestos, chapéus, surrão, abano, esteira. É usada também para cobrir a casa.

**DO CAULE** - faz-se a cumieira da casa (Parte mais alta da cobertura).

**DO PÓ** - fabrica-se a cera pra passar na casa.

**DA RAIZ** - faz-se o chá para as doenças.

**DO TALO** - confecciona-se gaiola.



## NOSSOS ENFEITES

Nós nos enfeitamos com os colares feitos de semente de pau brasil e leucema, melancia, sementes de manjerioba e semente de mata-fome.

O nosso povo costuma fazer cocar com as penas de galinha, gavião, capote, pavão e colamos sementes em volta do cocar.

Na hora da dança, fazemos pinturas com urucu. Essa tinta também é usada nos desenhos do nosso povo indígena.





## UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS

O nosso povo usava e ainda hoje usa as panelas de barro, pote e alguidar. O jarro de barro para colocar água. Hoje, esse jarro é conhecido como quartinha.

O índio é simples e viveu em torno da natureza antes do branco chegar aqui.

Então o branco contaminou o índio com seus costumes, ou melhor, obrigou o índio a usar coisas da cozinha dele.

Mas nós, índios, ainda temos na nossa mente ou em nosso instinto que ainda devemos usar a bela panela de barro, prato, jarro, pote, não essa coisa de geladeira, alumínio, porcelana, mesa, deveríamos usar mesmo é o verdadeiro girau.

O nosso povo foi assim, viveu feliz, tirando água nos rios.

Escola Raiz Indígena  
Terra Prometida



Pote



Jarro de Barro



Girau

Pote



Serve para colocar água para beber



Fogareiro

Serve para colocar carvão para cozinhar

Panela de Barro



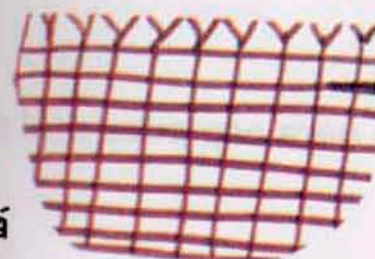
Serve para cozinhar feijão

Tacho de Barro



Serve para colocar água

Jacá



Serve para carregar alimentos

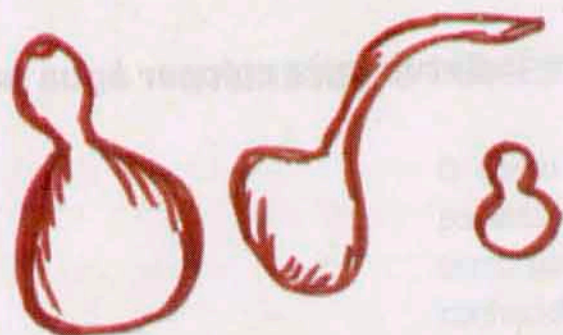
Cuia



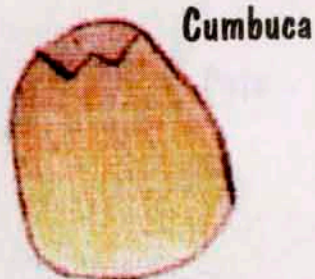
Serve para medir o arroz ou feijão e lavar prato



## CABAÇA DEFINIÇÃO TIPOS E UTILIDADES



**Serve para carregar água e fazer maraca**



**Cumbuca**

**Serve para guardar ovos**



**Coité**

**Serve para medir as coisas**



**Careta**

**Serve para espantar mal olhado**

**Pilão**

**Serve para pilar milho, arroz, paçoca, gergelim e amendoim**

## INSTRUMENTOS MUSICAIS



**Maraca**

O índio, antes de ter suas terras invadidas, eram alegres, e a noite após um dia de trabalho, se reuniam em suas aldeias e faziam uma grande fogueira na oca, dançavam em volta ao som de tambores e maracas. Isso tudo à noite, pois nosso povo era alegre antes dos europeus chegarem para tomar nossa terra, o nosso Brasil.

Durante o dia, nosso povo trabalhava no campo, cultivando a terra, cultivando flores, alimentos para comerem como o milho e a batata, pescavam e caçavam livres como os pássaros da terra, voando nas suas imaginações; nadavam nos rios em busca de peixes. Com suas armas eles traziam para casa suas caças do mato, pois a natureza oferecia tudo.

Hoje, sonhamos com uma terra livre e fértil, para plantarmos nosso feijão, milho e outros alimentos, porque foi tirado de nós esse bem que um dia nossos avós passaram.

Não queríamos uma grande terra, queríamos um pedacinho para plantar e sentir um pouco em nossas mãos o cheiro da terra que um dia foi do nosso povo.

Porque vivemos na cidade não por escolha nossa, mas forçados pelo branco que destrói nossas terras.

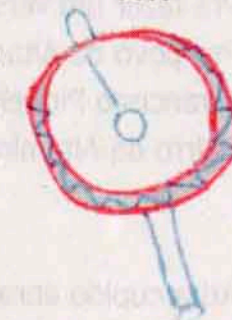
**Tambor**



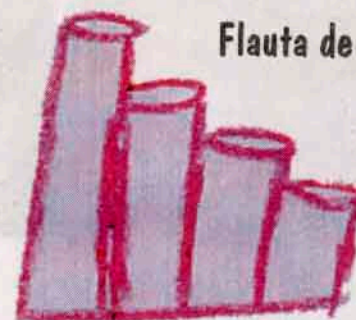
**Flauta de bambu**



**Tambor de rolo**



**Flauta de bambu**





## POESIAS E ENTOADAS

### CANTO CABOCA ÍNDIA

1ª Sou índia Potiguara caboca de opinião.

**Refrão:** O índio maneja a flecha, sustenta a flecha no coração. (bis)

2ª O meu pai me criou caçando e pescando por este chão.

Estudo Raízes Indígenas com muito amor e grande emoção.

(Patrícia, Sérgio e Lúcia) - Escola Diferenciada Planaltira

Ah, música carta divina

Que o poeta inspira

Dai-me força em pensamento

Fortificai minha lira

Pra fazer um versinho

Pro povo da Altamira

(Francisco Pinheiro Gomes - Tabajara)

Bairro da Altamira



Atira cupido atira

Na cara jacucaenga

Atira em mendeguara

Xapiaca em dere-cara

(Francisco Pinheiro Gomes - Tabajara)

Bairro da Altamira



Papagaio põe no oco

Periquito no cumpim

O índio forma o barulho

E o branco leva fim

(José Pimentel Potiguara da Altamira)

Não quero bem ao branco

Nem que seja meu amigo

Pois o branco tem uma

Moda de fazer vergonha a gente

(José Gomes da Costa Tabajara - Altamira)

Bom dia queridos pais

São acordos do meu coração

Eu te faço esta mensagem com

Muita dedicação

Só porque te amo de coração

(Joaquim Joanes Prudêncio - Tabajara Altamira)

### Escola Raízes Indígenas Altamira



### Escola Raízes Indígenas Terra Livre





## ENTOADAS



"Os índios guerreiros nascemos naquela serra"  
somos filhos dos índios Tabajara.  
Balance, balanciê, balance balancia  
Somos índios aqui terra ê la balanciou (bis)

"Nós somos os índios guerreiros  
nascemos naquela serra  
somos filhos dos índios Tabajara.  
Balance, balanciê, balance, balancia.  
Somos índios aqui, terra ê lá balanciou (bis)

Tabajara  
Escola de Vila Vitória

Eu asseguro na folhinha da jurema  
Se eleve se balança mas não cai (bis)  
Eu sou o rei da jurema  
Eu sou o rei Juremar" (bis)



## ESCOLA VILA VITÓRIA CRATEÚS

"Sou índia, sou das montanhas  
eu vim aqui foi para cantar  
me recordando das matas  
em breve quero voltar" (bis)

Adeus meus campos de flores  
adeus meus campos de luz,  
vale-me aqui nesta hora  
que agora vão me matar (bis)  
meu coração de Jesus"

"Fulorou em alto mar  
fulorou em alto mar  
e fulorou neste gongar" (bis)

"Sou filho de caboclo  
eu nasci no juremar (bis)  
nasci no juremar  
mas eu gosto lá do mar" (bis)



" Limoeiro, limãozinho  
fulorou em alto mar (bis)  
fulorou em alto mar  
e fulorou nesse gongar (bis)  
sou filho de caboclo  
e nasci no juremar (bis)  
nasci no juremar  
mas eu gosto lá do mar" (bis)

" Quem quer viver sobre a terra  
quem quer viver sobre o mar.  
Sou a cabocla Jandira  
Sou a sereia do mar  
Ta ra ra ra... Jandira"

"Meu cordão é de ouro  
minha medalha é de prata" (bis)

Se eu não me engano  
quem chegou foi João da Mata  
\*eu va ina numa tambaiê-iumba iê na  
mata e ninguém me viu".

"O meu chapéu é de couro  
meu penacho é de penas (bis)  
quem vem chegando agora  
é a força da jurema" (bis)



### RENASCER

Minha raça e meu povo/ me negaram um dia/e minha identidade eu não conhecia/ me esconderam todos os valores que tinham/ e me identificavam/ eu não aceitava/eu não aceitava e o preconceito vinha.

AGORA EU SOU FELIZ / HOJE FELIZ EU SOU  
DESCOBRI MEU POVO/ RENASCI DE NOVO  
PRA CONTAR O AMOR. AGORA EU SOU  
FELIZ/ HOJE FELIZ EU SOU/ EU ENCONTREI  
MEU POVO/ DESCOBRI MEU ROSTO E  
CANTANDO ESTOU;

Sem uma identidade/ sem rosto e sem raiz;  
meu é rejeitado e não é feliz. Em todo  
continente nossa gente é sofrida; cinco  
séculos enterraram e hoje vamos contar  
nossa história esquecida.

Na grande resistência para sobreviver/ da  
maldita opressão na colonização muitos  
viram morrer/ nossos guerreiros fortes/  
nossos heróis falados/ porque nossas  
histórias não foi realizada.

Milhões exterminados por causa da ambição/  
e a tudo isso chamaram de Evangelização/  
se evangelho é vida/ isto não pode ser/ o  
sangue foi somente e/ hoje a minha gente  
tem que RENASCER.

Nós somos filhos de índios  
Nós somos índios também  
Nós se criemos nas matas  
Nós estamos de parabéns  
Índio é filho de Deus  
Somos pobre sofredor  
Confiemos em Jesus Cristo  
Que é nosso pai criador  
Meu pai do céu eu lhe peço  
Mas eu lhe peço com fé  
Eu ofereço esse hino  
A Jesus, Maria José

### AMERÍNDIA

No centro da vida  
No ventre da mata  
No meio do verde  
Debaixo do céu que era limpo  
Debaixo do sol que brilhava  
Debaixo da lua índia vivia (2x)

Índio nascia, índio crescia,  
Índio vivia, índio corria,  
Índio dançava, índio cantava  
Índio cocava, índio se amava  
Índio lutava, índio morria  
Índio vivia feliz

Não tinha muito, mas tinha tudo não  
cobiçava, não precisava, não esbanjava,  
nunca roubava, não enganavam, não  
comerciava, não devastava, não poluía. Índio  
sabia viver.  
No centro da vida...

Mas branco chegou falando, que vem ajudar  
meu povo, branco foi empurrando índio pra  
fora da terra, branco ganhou a guerra, branco  
tomou nossa terra.



## TABAJARA



Escola Raízes Indígenas Vila Vitória

### Música

Tabajara quando nasceu meu pai,  
a mata estremeceu Bis

Tabajara é um caboclo bom meu pai  
nunca temeu a homem nenhum  
Tabajara é um caboclo bom meu pai  
nunca temeu a homem nenhum.

Autor: Cícero Pereira da Silva (Batata)

### CABOCLO ROXO

Caboclo roxo da pele morena ele é óxo caçador lá da Jurema, mais eu jurei tornei a jurá, jurei pelos conselhos que a Jurema mandou dá.

Tiro liro, liro, ó liro já chegou, sou caboclo bom no tiro sou caboclo caçador  
Bom no tiro sou caboclo caçador  
Bom no tiro sou caboclo caçador

Pisca caboclo e não atrapalha, sai de dentro da sambambai, pisa de caboclo é sambambai é sambambai é sambambai (repete 3 vezes)

(Tradição oral)



Escola Raízes Indígenas Altamira

### A COLHEITA

A colheita deste ano está sendo boa, pois tudo que nosso povo plantou colheu: arroz, feijão, milho, gergelim, batata-doce, jerimum, melancia, mudubim, mandioca. O nosso sertão está farto, graças a Deus temos fartura na mesa.

Texto coletivo Altamira

### OS DONOS DA TERRA

Os índios são donos da terra,  
Chegou o branco pra tomar  
Mataram tanto índio, que faz pena até falar.  
Os índios foram expulsos do lugar  
por causa do tiroteio que o branco  
mandou pra lá

Francisco Pinheiro Gomes - Aluno Tabajara

### VOTO

Todo mundo sempre diz,  
que no mundo vai quem tem,  
Eu não sou muito fraco  
Quando vou e quando vem  
Eu vou votar no macaco  
E sou macaco também.

Chica biguá

44228





Cicera Tabajara - Altamira

## SOMOS OS POVOS

Tabajara, Cariré, Tupinambá e Calabaça, todos aqui da região de Crateús  
Viemos aqui contar um pouco de nossa história

Eu comecei a bordar com dez anos de idade e até hoje eu continuo com os meus artesanatos. Eu e minhas filhas bordamos com perfeição e somos procuradas, em toda nossa região. Só que eu tenho muita pena de não poder comprar nosso material e com minhas filhas poder os bordados continuar.

A profissão que eu tenho agradeço a minha avó, que o que ela ensinou às netas, foi com paciência, carinho e amor.

Tereza Cariri

## NOSSOS RITUAIS

Os rituais para nós representa forças que vem dos nossos antepassado, com a dança a gente se sente limpo e maneiro, reza significa cura para nós, porque quando adocece uma criança ou adulto, a primeira coisa que a gente faz é correr para um rezador.

Culto é muito importante para nós, índios, porque quando tem um índio doente levamos até o Pajé e lá, ele encontra solução e não precisa ir a médicos.

Nós não freqüentamos muito a igreja, mas acreditamos em Deus, porque ele é o único que dá força para nós índios.

Nossos rezadores são as pessoas mais velhas que têm bastante experiência e conhecimentos na prática. Além do Pajé temos as rezadeiras e a maioria delas são parteiras.



## AS DANÇAS

Para o nosso povo a dança é um momento sagrado, um momento de comunicação com os nossos antepassados.

A dança tem um sentido de festa, partilha de fartura da colheita e de novidade. Quando chega alguém da família tem danças e animação.

O ritual sagrado também tem os dias certos dedicados, mas se houver necessidade eles sentem que tem que fazer o ritual de cura e da força.

São dois tipos de danças: as das festas de batizados, aniversários e comemorações diversas e a outra dança mais forte que é a dança da força e da cura.

Com relação à morte, o nosso povo tem um sentimento muito profundo, não se ouve música por algum tempo. Tem diversos rituais dentro do enterro como: ritual do choro, da partilha, do silêncio. É cantado no interior as excelências com os anjos até a hora de se enterrar.

No cemitério, quando é chegada a hora do enterro cada pessoa joga um punhado de terra no defunto para se despedir do morto e depois o enterro é completado.

As rezas significam cura e são usadas nas doenças de vento caído, espinhela caída, quebranto, atraso de vida, negócios mal resolvidos, desentendimento de casal. O pajé e as rezadeiras são fontes de experiência do nosso meio, deles vem toda sabedoria e conhecimento.

Os casos mais difíceis, o pajé é quem resolve. Nos casos de rotina, as rezadeiras é quem são preparadas para ajudar.





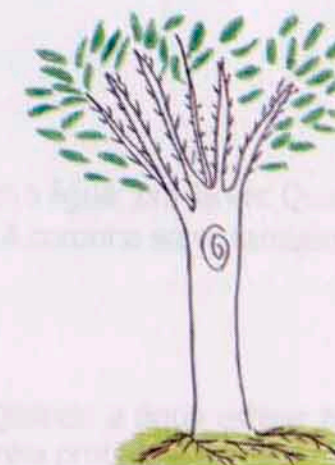
### DANÇA DA JUREMA

A nossa dança nos traz força para enfrentar as dificuldades do dia-a-dia, causadas pela falta da nossa mãe TERRA.

Não temos horário pra dançar, pode ser em qualquer instante e em qualquer lugar. Em nossos rituais usamos a maraca, o tambor, para que a entrada fique mais forte e, lá pelo meio, tomamos o mocororó para nos ajudar na caminhada.



## A CURA ATRAVÉS DAS PLANTAS







## A IMPORTÂNCIA DAS PLANTAS MEDICINAS NA NOSSA SAÚDE

O nosso povo costuma se tratar das doenças com remédios do mato tirados das cascas, raízes, folhas, flores sementes e leite. Temos nossa própria medicina extraída do mato e juntamos com as crenças das rezadeiras e curandeiras como forma de nos preservarmos e nos curamos das doenças.

### Lambedor

Faz-se o lambedor com a malva e folha santa. Juntam-se as duas folhas numa vasilha e coloca-se açúcar e à medida que for fervendo vai se formando o lambedor.

O lambedor serve para gripe e catarro no peito.

### Chá de Coronha [corama]

Pega-se a coronha, pisa-se e coloca-se junto com a água pra ferver. Quando o chá fica pronto, toma-se para dores no estômago e febre alta. A coronha serve também contra o mal olhado.

### Cozimento de Ameixa

Pega-se as cascas de ameixa coloca-se para ferver. Quando a água estiver bem vermelha deixa-se esfriar e toma-se um pouco todo dia. Caso tenha problema de corrimento e coceira



## 2. PLANTAS MEDICINAIS



Serve para pressão alta e acalma os nervos



Carro Santo



Folha Santa  
Serve para colocar em ferimento, tumor



Pé de Coronha  
Serve para dor de cabeça



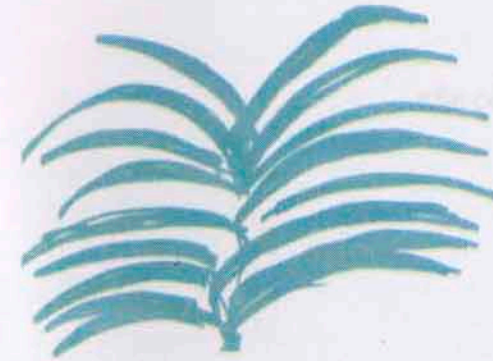
Um pé de Torém  
Serve para os rins e inflamação



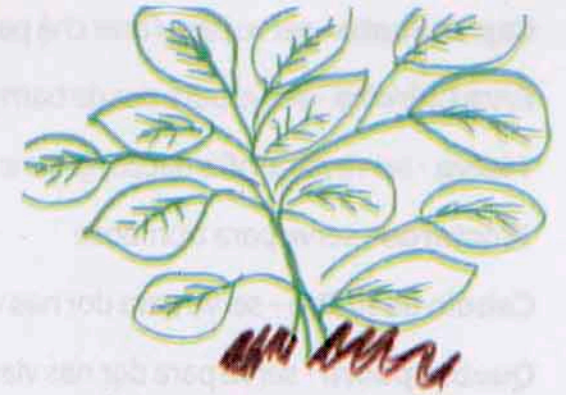
Pimenta de Macaco  
Serve para dor de cabeça, e dor de cólica



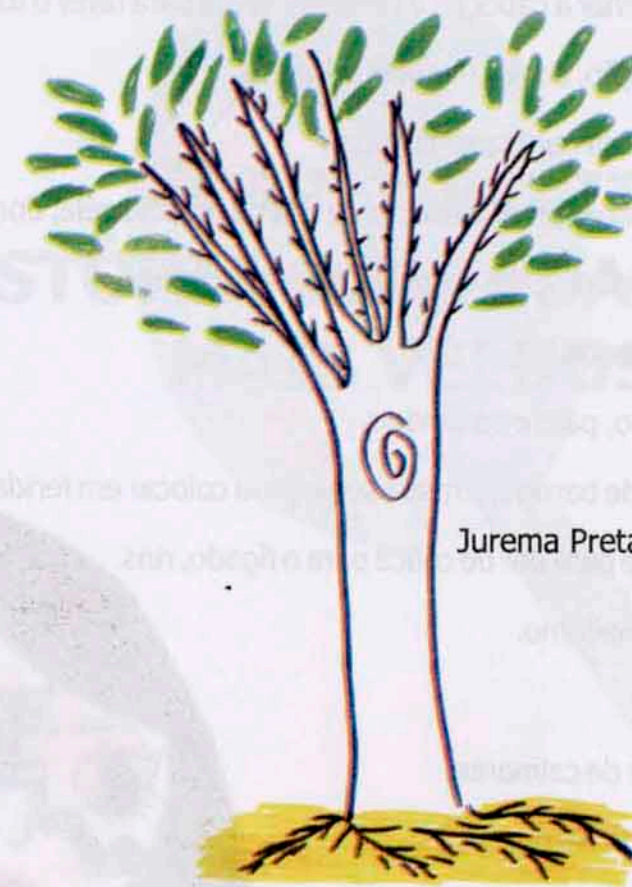
Goiabeira  
Serve para dor de barriga, diarreia



Capim Santo  
Serve para fazer chá, para os nervos, e serve como calmante.



Pé de Malva  
Serve para inflamação, gripe e cura feridas.



Jurema Preta

### JUREMA PRETA

É a árvore que os índios têm como remédio medicinal. Ela cura várias doenças como, por exemplo, câncer, doença de pele, inflamação e outros tipo de doenças. Quando um índio extrai um dente, vai até a jurema, tira a casca e coloca de molho pra gargarejar na boca. Serve também para quem tem mau hálito.



## OUTRAS PLANTAS MEDICINAIS E SEU USO

- **Capim Santo** - serve para fazer chá para os nervos.
- **Erva Cidreira** - serve para dor de barriga e para pressão alta.
- **Malva** - serve para inflamação, gripe e cura feridas.
- **Mostarda** - serve para trombose
- **Cabelo de milho** - serve para dor nas vias urinárias.
- **Quebra pedra** - serve para dor nas vias urinárias.
- **Batata de purga** - serve para o estômago, azia, inflamação e verme.
- **Raiz de tipi** - reumatismo.
- **Umburana** - gripe, para banhar a cabeça, a semente serve para fazer o torrado.
- **Casca de ameixa** - inflamação, dor de nas vias urinárias.
- **Mucunan** - antigamente servia para fazer cuscuz.
- **Ipecacuanha** - serve para o nascimento do dente de criança, diarreia, dor de cólica.
- **Torém + quebra pedra** - dor nas vias urinárias, pedra nos rins.
- **Flor de catingueira** - para gripe.
- **Babosa** - para usar no cabelo, para o estômago.
- **Marmeleiro** - gastrite, dor de barriga, a raspa serve para colocar em ferida.
- **Jucá + malícia** - a flor serve para dor de cólica para o fígado, rins.
- **Pau Brasil** - serve para reumatismo.
- **Jardineira** - pressão alta.
- **Folha da laranjeira** - serve de calmante.
- **Goiabeira** - serve para dor de barriga.
- **Colônia** - dor de cabeça.
- **Folha de vick** - dor na garganta.
- **Folha santa** - serve para colocar em ferimento, tumor.
- **Catingueira** - a flor serve para gripe, a casca serve para dor de barriga.
- **Angico** - a casca serve para inflamação, também para fazer mel para garganta.
- **Mufumbo** - o olho serve para ferimentos, a raspa do pau serve para dor de barriga.



## CAPÍTULO II HISTÓRIA CONTADAS PELOS MAIS VELHOS





## OUTRAS PLANTAS MEDICINAIS E SEU USO

- Capim santo - serve para fazer chá para os nenecos.
- Erva doente - serve para dor de barriga e para picada de inseto.
- Malva - serve para inflamação, gripes e tosse.
- Hortelã - serve para enjoos.
- Cabelo de velho - serve para dor de cabeça e insônia.
- Quebra-pedra - serve para dor nos rins e urina.
- Erva de guerra - serve para o estresse, ansiedade e varicela.
- Folha de tã - murcha.
- Umburana - (chá) para dor de cabeça e febre.
- Folha de aroeira - febre e dor de cabeça.
- Mucuna - anti-espasmo e relaxante muscular.
- Erva de São João - serve para depressão e ansiedade.
- Tororó - serve para dor de dente e febre.
- Flor de canequela - serve para dor de dente e febre.
- Balaio - serve para dor de dente e febre.
- Mamão - serve para dor de dente e febre.
- Júpiter - serve para dor de dente e febre.
- Pau de milho - serve para dor de dente e febre.
- Zamburão - serve para dor de dente e febre.
- Folha de banana - serve para dor de dente e febre.
- Gombeteira - serve para dor de dente e febre.
- Canela - dor de dente e febre.
- Folha de melão - dor de dente e febre.
- Folha de melão - serve para dor de dente e febre.
- Candeia - serve para dor de dente e febre.
- Anjo - serve para dor de dente e febre.
- Murcha - serve para dor de dente e febre.



## ORIGEM EM VERSOS

Letra de Tereza Kariri

Sou tapuia gentil engraçada  
descendente de nobre tupi  
bisneta da Índia mais velha  
que existia na tribo Kariri

Minha avó era índia também  
sei que era rendeira demais  
eu agora estou aqui contando  
a história que ouvi dos meus pais.

Tem gente que não acredita  
que estou contando aqui  
mas afirmo com muita certeza  
sou da tribo Kariri  
sei que tenho sangue de índio  
e não me envergonho jamais  
porque eu sei que o sangue que tenho  
são heranças dos meus velhos pais.

E hoje estou muito feliz  
de também está presente aqui  
juntamente com os outros índios  
representando a tribo Kariri.



## **HISTÓRIAS DO SEU NANI** (aluno da Escola Diferenciada de Altamira)

### **História Sobre Crateús**

O primeiro nome de Crateús botado pelos nossos povos índios foi Cará porque eles pescavam os carás nas croas do Rio Poti e caçavam o teú nas croas do mesmo rio Poti. E no mesmo poço do cortume, tinha uma furna que o irmão da minha querida vizinha Idalina dizia que, quando estava dentro da tremenda furna, sentia o povo pisar na feira velha. Depois que a Dona Branca a doou para o Sr. do Bonfim, aí passou pra Vila das Piranhas. Depois, para Príncipe Imperial e, hoje, é o grande e lindo Crateús. [caratiú era o nome de um povo indígena que habitava a região]

### **História Sobre a Seca**

Em 1952 foi a primeira seca que eu vi na minha vida. Eu tinha 11 anos de idade e lembro bem. Nesse tempo se tinha uns gadinhos e foi com que a gente se apegou e não precisou se deslocar de casa.

E depois veio a seca de 58. Esta veio para acabar com os pobrezinhos, ricos e os gados. Aliás, toda a criação os ricos venderam quase tudo por nada. Outras pessoas enlouqueceram e outras se suicidaram. Esse tempo foi só de sofrimento para toda a população. E para os animais, falta de alimento e água, pasto para toda a criação. Os bichinhos berravam de fome e sede. E a população também era triste! Por isto que eu detesto seca no sertão.

Joaquim Joanes Prudêncio - Seu Nani  
Aluno da Escola do Povo Tabajara Altamira 11/10/99

### **História Sobre a Seca**

Sempre me contavam que nas eras de 1877 e dos três oitos (1888) o que se comia era couro de gado assado. Nesse tempo faltava mistura e feijão não existia. E uma coisa interessante que eles faziam: matavam uma vaca magra e botavam para secar. Quando estava bem seca, pisava bem pisada para fazer farinha para comer.

Naqueles tempos até o sal era difícil. Vinha um carro de boi de Camocim para a cidade do Ipú. E aqui, quem tinha jumento ou burro trazia carga, e quem não tinha trazia nas costas. Foi um tempo de sofrimento para os bisavôs, tataravôs, escanchavôs.

### **História Sobre Meu Pai**

Quando me entendi no mundo

Foi vendo o meu querido pai

Lavrando milho e feijão, mamona, arroz, algodão

Plantava a mandioca na serra, o feijão e o milho no sertão.

Quando os tempos eram duradouros

Havia muita alegria, corria muito dinheiro nas cidades e no sertão.

Festas e vaquejadas, danças de São Gonçalo, reisado com muita arimação.

Tudo isto era as coisas do sertão

E havia mais amor e união.

O papai carregava água das tucuns para vender aqui em Crateús

Nas costas dos nossos queridos jumentinhos para nós podermos nos alimentar.

E a gente só tinha ajuda do pai verdadeiro que é Deus.



## História de um Amigo

Eu tinha um amigo que em 1928 era menino e morava no interior de Sobral. Quando ele viu o primeiro carro correu gritando assombrado. Foi ele, o compadre Raimundo Gomes Araújo.

Sempre meu avô, Francisco Prudêncio, me dizia que o primeiro caminhão que chegou aqui em nossa cidade de Crateús, foi em 1912 e era de um senhor chamado José Sabóia. E foi a maior admiração de todo o pessoal no velho tempo.

Joaquim Joanes Prudêncio (Sr. Nani)  
Aluno da Escola do Povo Tabajara - Altamira - 11/10/99

## BRINCADEIRAS DE RODA

Todas estas brincadeiras são de roda e fala um verso para iniciar e depois canta, cada criança tem seu par.

No lugar onde Francisca bira morou, essas brincadeiras são conhecidas como; **Pizeiro**. Era como as crianças se divertiam no terreiro, nas noites de lua clara.

### 1º Martelo

Verso Alecrim da beira d'água, não se corta de machado, se corta de canivete do bolso do namorado.

Canto Martelo tem, tem, tem  
Martelo tem, tem, tem  
Martelo tem, tem, tem

### 2º Laranjeira

(Verso) escolhe um verso

Canto Olha laranjeira a que olha o zelador reparais a laranjeira, quantas laranjas botou? Botou 1, botou 2, boto 3, botou 4, botou 5, uma vingou eu mandei pra meu amor. Ei balancei, eu balancei, balancei balanceou.

### 3ª Morenia

Verso Lá vem a lua saindo por de trás de um garrancho quem que quiser arrumar namoro passe um mês numa dismacha. (farinha).

Canto Balança o pé morenia  
Balança o pé morenia  
Balança o pé morenia  
Ecou.

### 4ª Quebro o coco

Verso Trevessei o rei de nado e riacho de mergulho, somente para tiver boca de cravo maduro.

Canto Quebra o coco nega eu, não  
Quebra o coco nega eu não, não

### 5ª Pião

Pião de Crateús, pião que não bambeia  
Arrastar as gaia no chão pião  
Pião dentro ou pião fora  
Adeus pião que eu já vou me bora  
Pião dentro ou pião fora  
Adeus pião eu já vou me bora

### 6ª Limão

Canto Limão anda na roda  
Ele anda de mão em mão  
Por aqui passou por aqui andou

**Obs.** Todas as crianças em roda parados com um limão passando ele de mão em mão até parar onde o limão ficar a criança sai.

### 7ª Melão

Pega uma criança para ficar dentro da roda para falar um verso.

Canto Melão, melão sabiá  
E da laranjeira sabiá  
A morena é boa sabiá  
E namoradeira sabiá  
Senhora dona (fala o nome da criança para dizer um verso dentro da roda) entre dentro dessa roda, digo um verso bem bonito e dê adeus e vá embora.



## BRINCADEIRA DE RESISTÊNCIA

Uma roda de mãos dadas, com uma pessoa dentro, cada braço é o nome de uma árvore pau diferente a criança que está dentro da roda vai testar a resistência do pau, a criança só pode sair fora da roda se romper o pau.

## BRINCADEIRA DO GRILO

Faz-se uma fila, e fica uma pessoa na frente com galho de ramo para gritar o grilo. Pergunta-se cadê o grilo as crianças que estão na frente respondem está lá atrás. O último da fila tem que ter cuidado e agilidade pra não levar uma lapada.

## BRINCADEIRA DE CRIANÇA

Brincadeira da melancia: deita-se todas as crianças de barriga pra cima, enche bem a barriga de ar, e chega o ladrão de melancia e que pede a chave pra abrir a porteira para caçar passarinho, quando ele chega na roça com o dedo batendo na barriga aquela que tiver bem fofa ele vai batendo e manda fugir cochicha bachinho no ouvido dizendo. "se encontrar o dono da roça por ai, diga que na viu ninguém. No meio da brincadeira chega o dono da roça gritando pega ladrão e o ladrão sai correndo junto com todos as melancias que são as crianças.

## PULO DO GATO

Camarada onça e camarada gato-do-mato.

A onça e o gato do mato saíam toda tarde para pular, pois a onça tinha vontade de pegar o gato do mato numa emboscada.

Todos fim de tarde eles treinavam os pulos. Então a onça num belo dia pensa. É hoje que eu pego o camarada gato. Aí pularam todos os pulos que já sabiam. Só que quando a onça pensou em agarrar o gato num determinado ponto, e então o gato pulou diferente.

E a camarada onça disse: Ah! Camarada gato este pulo você não tinha me ensinado.

E o gato respondeu:

Não porque se eu tivesse lhe ensinado todos os pulos, hoje você tinha me pegado.

## BRINCADEIRA DE CRIANÇA

### Peteca

Faz uma rudia da palha de milho e joga em grupo de criança. Comidinha e casamento de boneca.

As bonecas eram feitos de sabugo de milho, casca de melancia e pano.

O casamento era acompanhado pelos meninos no cavalo de pau.

A comidinha é feita nas panelinhas de barro com frutinhas do mato como melancia da praia, ganapum.

## BRINCADEIRA NO BARRO MOLHADO

Brincadeira no barro molhado: coloca o pé no chão e amassa o barro em cima do pé para cobrir o pé, quando puxa o pé fica a furna feita.

### Labutar com croar

### Fazer corda

### Cama

### Modo de preparar um sabão

Sabão de amargozo de tingui

Insestada do angico

Fura uma lata bota

A cinza, insestada, dentro

Da lata, a água que vai

Caindo da lata, é que da

E adequada para fazer o sabão

Minha mãe era quem fazia

O sabão, de amargozo tudo coisa

Da natureza, do mato.

A nossa cultura é bem aproveitada, porque no meio do nosso povo vivemos a nossa própria cultura. Com nosso trabalho alternativo, que é nosso artesanato feito de barro, sementes, madeira que são: colares, anel de tucum (feito do coco) panelas, pote, jarro de barro, alguidá, arcos bexe, prato de madeira, mesa, cadeira, banco, artesanato de caçaba (maracá, jarro, abajú, cuia do coco a gente faz, maraca, porta-moeda, prendedor de cabelo; o coco babaçu fazemos colares.

Em nossas salas de aula damos início com a baía do caboco e em todos momentos fortes e o jeito de mostrar que a gente esta alegre e triste.

Na medicina usamos remédios caseiros e rezas das nossas rezadeiras.

A alimentação pesca caça e agricultura.





### HISTÓRIA DA FAMÍLIA ANTONIO MIGUEL

Crateús 18/10/99. Escola Diferenciada.

Somos um grupo descendente dos índios Tabajara por parte de pai e mãe e vindo da Serra Grande.

Ainda guardamos na lembrança alguns costumes e tradições que aprendemos com nossos pais. Quando nós íamos às pescarias, meu pai fazia barraca coberta de folhas, na beira do rio, para nós ficarmos debaixo. Era a família toda e ele ia pescar, outros iam atrás de lenha para fazer fogueira que queimava a noite toda para espantar os bichos.

No período de tempo em que a gente ficava morando debaixo das latadas, nós caçávamos e pescávamos. Se fosse no tempo do inverno, a gente comia milho cozinhado sem precisar de usar panela. Cavava-se um buraco no chão, tirava uma parte da palha do milho. Colocava-se areia molhada no buraco e botava-se o milho dentro, cobria-se com areia e fazia-se um fogo em cima. No mesmo fogo fazia-se o café sem precisar de pano para coar, colocando uma pedra no fogo feito nas trepes. Quando a pedra estava bem encarnada botava a chaleira e o pó do café baixava.

O mesmo pode ser feito com uma brasa de fogo.  
Escrito por Chica, Nega, Gorete, Dadá e Nilvânia.  
Escola Diferenciada de...



Escola Raízes Indígenas Vila - Vitória

### HISTÓRIA DE DONA TERESA DE SOUSA COSTA

Somos dos Pereira do Piauí, do Brejo São Miguel Capujo[tapuiú]. Nossos patrões eram os Pereira do Brejo de São Miguel, patrão do meu pai. O nosso pai era da roça, era lavrador. Meu pai dizia que, quando viemos embora da Serra das Melancias, fomos para Jatobá Medonho, de Jatobá Medonho viemos para o deserto arriba dos Tucuns. Lá, as águas eram difíceis, mas as cacimbas eram boas. Lavrava mandioca, feijão e milho. Era caçador, matava veado e cutia. Meu irmão mais velho herdou tudo do pai, meus dois irmãos moram em São Bento e são lavradores. As mangueiras do deserto foram plantadas pelo punho do meu irmão mais velho. De lá saímos de novo às Queimadas, logo à Serra das Melancias das almas. Carregávamos água na cabeça, distância de meia légua. O cajueiro onde morava o pai do meu pai era nas Melancias.





## HISTÓRIAS DE ANA MARIA

- Ana Maria de Oliveira Silva

Nasceu em 29-11-48,, viveu sua infância em Morragudo Independência, trabalhou muito em roça, passou a seca de 58, trabalhou nas varzantes, pastorava arroz, junto com seus irmãos fazia louça de barro. Naquele tempo tudo era difícil, começou a trabalhar com 10 anos para ajudar seus pais, pois a família era grande. Lembra ela que tinha só duas mudas de roupa, lavando e vestindo.

- Sua alimentação - milho, arro branco, pirão de quebra paneja, feijão escoteiro, angu de milho com água, preá, xiquexique;

- Pegava o xiquexique para fazer as crueiras para fazer pão, armava as gangorras para pegar preá.

Junto de uma árvore, ela, juntamente com os irmãos, cantava a canção da Índia e quando cantava, o vovô chorava.

- Onde moravam? Morragudo, era um morro.

- Por que saíram de lá? Porque não eram donos, apenas moradores sofridos.

- Depois de lá, seus pais foram embora para Parnaíba, Piauí, onde vivem até hoje.

História de Ana Maria Oliveira

## DEPOIMENTOS

Crateús, 08 de novembro de 2000

Vamos falar sobre a nossa vida, dos pais e dos avós.

Eu, professora, sou da família de Lira. Meu avô materno é Severo e mora em Quiterianópolis.

Somos indígenas que vivemos na cidade de Crateús vindos do interior de Quiterianópolis.

Lá tem as famílias indígenas Severo e Oliveira.

Conta a aluna Francisca Lira, que também é Severo, que a mãe dela nasceu em Massapê, município de Tauá.

Ela, era negra, e veio embora do Olho D'água, município de Independência, hoje município de Quiterianópolis. Conheceu meu pai e, como meu pai era da família Severo e Oliveira, casou-se com ele, então juntou uma negra com um índio.

Na família do meu pai tinha os Severos por causa da mãe dele. A nossa família tinha Francisca Severo, e essa família era de Mombaça nos Inhamuns.

Somos também de São Pedro em Tucuns, nós vivemos trabalhando na lavoura, muitas vezes comíamos na roça, assávamos milho, comíamos muito jerimum, cozinhado debaixo do chão.

Toinha Ferreira da Silva (Laurentino) Mombaça

Francisca Lira (Severo de Oliveira) Mombaça

Adélia Martins de Sousa (Martins) Tucuns

Dominga Lira (Lira) Quiterianópolis

No nosso tempo, quando morávamos nas aldeias, no mato, os mais velhos eram os senhores do saber. Eles que decidiam o melhor para o nosso povo, pois tinham mais experiências.

As crianças sentavam na roda e ouviam os contos com atenção e tinham muito respeito e admiração.

Juntávamos o povo todo e fazíamos uma fogueira e passávamos horas e horas ouvindo meu avô falar. Que tempos bons.

Tudo tão calmo.

Hoje nós mais velhos quase não somos ouvidos. A tal televisão é mais importante e os nossos conselhos são besteiras para alguns jovens, que dão com os burros na água porque não nos dão ouvidos.

Antonia Alves da Costa (Mocinha)

Aluna da Escola Indígena (Tabajara) do Bairro da Altamira



## Rezadeira

Aqui na Altamira temos muitas coisas boas. Nosso povo é alegre, não temos doença que não saibamos o remédio, pois as índias Dona Mocinha e Dona Inácia rezam contra vento caído, espinhela caída, diarreia, quebranto e fazem muitas garrafas com malva-folha santa, jurema, aroeira, ameixa, jucá e nosso povo fica curado.

Nasci no interior onde eu sempre vi meus pais trabalharem de roça. Fala da aluna Dominga Lira: eu já tinha uns 7 anos, quando viemos embora aqui para Crateús, meu pai agricultor não conseguiu emprego porque ele só sabia cuidar da terra.

Passou uns dias ele conseguiu emprego de guarda. Depois encontrou um conhecido e foi furar chão ou seja, furando cacimbão ia tudo bem quando uma bomba estourou com ele dentro do buraco então ele ficou doente. Como eu já tinha nove anos e, só minha mãe trabalhando ali o dia todo até às 11 horas da noite, procurei uma família e fui trabalhar como doméstica. Trabalhei até em casa de família, hoje sou dona da minha casa e uma mãe de família.

Nasci e me criei na roça. Com idade de dez anos já trabalhava na roça. Aluna Francisca Lira. Fui crescendo cultivando a terra, só não broquei, o resto sobre agricultura eu fazia tudo. Hoje eu vivo trabalhando numa escola municipal na cidade, mas o que eu ganho não dá nem para sobreviver como gente. Se eu vivesse na roça era melhor.

Alunos da Escola Indígena da Terra Prometida  
Escrito pela Profª Maria Lira

## ESPERANÇA

Somos um povo que vem de várias gerações sendo massacrado. Muitos de nós já morreram, mas a nossa luta não cessa.

Temos muita garra para construirmos outros 500, e a cada dia, para nós, é como desabrochar de uma flor, pois a nossa esperança não morre, e cada vez aumenta a nossa força.

Temos que ser fortes para alcançar os nossos filhos, netos e bisnetos tendo terra pra plantar, comida farta na mesa, nossa cultura ser preservada e nossos rituais serem admirados e respeitados, pois essa luta não é só presente, mas futuro.

A esperança dos Povos Indígenas é serem vistos como um povo cheio de experiências e sabedorias para um futuro melhor neste mundo.

Texto - Prof. Kaká Altamira



Escola Raízes Indígenas Altamira

## SOBREVIVÊNCIA

Somos indígenas que nascemos no interior. Vivíamos da roça, tudo o que nós possuíamos de alimento era tirado da terra.

Hoje, vivemos aqui na cidade de Crateús e os que conseguiram trabalho foi nos caminhões de lixo, merendeira e serviços gerais das escolas municipais ganhando um salário mínimo de R\$ 150,00.

Isso acontece porque não temos mais terra, só povo que consegue um pedaço de terra para plantar e longe muito longe e outro ficam só sem trabalho algum.

Com isso os jovens e nossas crianças estão correndo o risco de mergulhar nas drogas e todo tipo de marginalidade. Só pelo fato de sermos pobres e indígenas, vivemos nas terras que não são da nossa origem.

Porque nascemos em outro lugar e lá tivemos alguns de nossos filhos, onde nossos pais e avós nasceram.



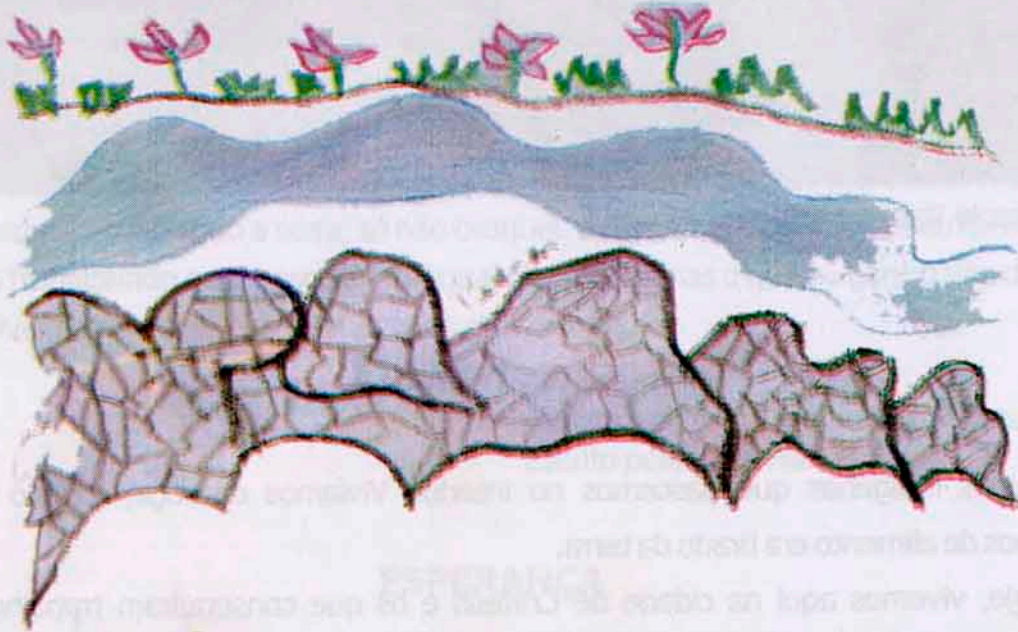
## LUGARES IMPORTANTES PARA O NOSSO POVO

### A SERRA DA MELANCIA

Minha mãe conta que a serra era dos antepassados dela e lá tinha de tudo: da água à caça e frutas como o caju, ata, manga, oiti e outras. Na Serra os índios todos eram líderes e todo mundo trabalhava na roça. Tinha um índio só para caçar e quando chegava com a caça, dividia com os outros.

Hoje já é diferente. Nós, índios, moramos na Periferia da Cidade, porque perdemos a nossa terra para os brancos que mandam e desmandam nessa Serra. Nós não temos o direito de pegar num só café dessa terra que era nossa. A nossa terra de tradição, a nossa terra era assim.

### RIO POTI



Antigamente, o Rio Poti era a nossa principal fonte de sobrevivência, pois muita gente vivia da pesca. As nossas mulheres indígenas lavavam roupas nas pedras do rio e as crianças lá tomavam banho.

Os homens, mulheres e crianças pescavam: cará, corró, traíra, piranha, curumatã, mondi, bodó, cari, muçum, tabaqui. As águas eram cristalinas e boa para as plantas, nas margens havia plantas de toda espécie que serviam para remédios.

Hoje o Rio Poti está maltratado e sem vida. A água não corre mais, os esgotos da cidade correm em sua direção, o lixo é jogado nas suas croas. O ponto turístico da cidade agora perdeu o encanto.

Hoje só resta as lembranças da beleza que eram os nossos poços: poço do padre, poço do curtume, poço da pedrinha, poço dos cavalos, poço da pedra, poço do serrote, poço do poti, poço do caldeirão, poço do estreito.

### OITICICA

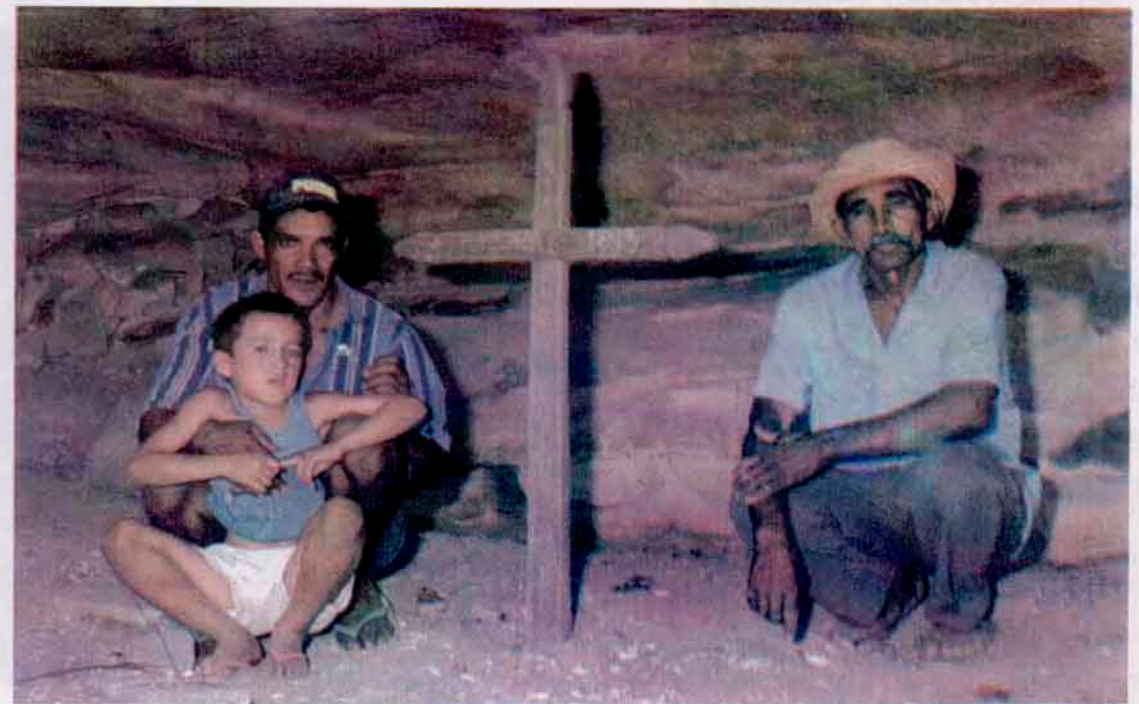
Oiticica, situado no distrito de Ibiapaba, tem muitas marcas deixadas pelo nossos povos indígenas. Os caçadores homens, que têm a experiência do mato, falam que encontram muitos ossos, entre os trabalhos de pedras, que são dos povos nativos que foram mortos no tempo passado.

Existe um poço lá em São Bento, que era lugar dos mais velhos pescar. Lá existe muitos lageiros de pedra com desenhos de formato iguais. É uma riqueza natural em arte feita pelo nosso povo original da terra. Este poço faz parte do Rio Poti.

### SERRA DOS TUCUNS

Conta o povo do lugar que, até bem pouco tempo, quando cavava o chão para fazer casa ou plantar roça encontravam objetos de barro que pertenciam os povos indígenas, os donos da terra.

Lá também existe um olho d'água que forma uma fonte natural, onde as mulheres lavam roupa e carregam água para beber e para o consumo de casa. Tem um sítio chamado Deserto que, ainda hoje, tem as marcas dos moradores antigos, nas mangueiras, cajueiros e madeiras usadas para fazer engenho.





## MONTE NEBO



Monte Nebo é um distrito situado na Zona Sul de Crateús e ainda hoje existe a história contada através dos moradores do lugar.

Lá tem a furna dos caboclos como assim é chamado e conhecido pelo seu passado histórico. Contam os mais velhos que nos tempos antigos existia um grupo de índios Potiguara que morava nesta furna que

fica em cima do morro de lá. Eles desciam para caçar embaixo, no sertão. Eles, por falta de conhecimento de propriedade privada, pensavam que tudo que tinha na mata pertencia a eles.

Daí, estavam caçando e mataram um boi de um fazendeiro, e este fazendeiro com raiva contratou um caçador que tinha amizade com os índios e mandou que fosse dormir lá, e ele cortou as cordas dos arcos. Então, de madrugada, vieram os jagunços e mataram os índios sem eles poderem se defender.

Este fato é verdadeiro, segundo conta Sr. Mariano que diz ser neto de uma índia que escapou do massacre. Lá no local, têm muitos ossos e desenhos marcado nas pedras e também pilão nos lajeiros.



Representantes de organizações diversas, que se interessam pela

história dos nativos desta região, visitam e registram o fato através de pesquisas e fotografias.

Texto escrito pela Professora Helena Potiguar